

A insurreição de 1935

PRESTES:

Novembro eclodiu inesperadamente

Estivemos com Luís Carlos Prestes em São Paulo, por duas vezes - em julho e em outubro. Ele falou a LEIA sobre os livros que fizeram sua cabeça — Robinson Crusoe aos 10 anos (presente do pai) e, mais tarde, O Estado e a revolução, de Lênin, quando estava exilado na Argentina. Seu maior interesse, no entanto, sempre foi a engenharia e, nos anos que passou em Moscou, leu demais a respeito. Apesar dos seus 87 anos e de ter tido nas duas oportunidades uma agenda cheia, o veterano comunista estava em plena forma, muito mais que nós todos que o ouvíamos: Mário Fitipaldi, ex-presidente da Câmara Brasileira do Livro, Marília Andrade e Virginia Pinheiro, de LEIA, e os anfitriões Marco Giuliote e Laura de Aquino. Indagado sobre o segredo de sua juventude, Prestes riu e deixou escapar: disciplina... muita disciplina, que eu aprendi no exército.

O depoimento que temos de Prestes daria quase um livro. Aqui, selecionamos apenas a parte em que ele fala da insurreição de 1935. Com a palavra, Prestes.



As origens

“Todas essas comemorações que se fazem anualmente sobre o que já chamavam Intentona Comunista é para dizer que o Movimento de 35 foi realizado por ordem da III Internacional. Tudo isso é inverídico. “35” foi fundamentalmente uma luta antifascista.

Já em 1933 surgiu no Brasil o Partido Integralista com o apoio do governo de Getúlio, querendo levar o Brasil para um regime fascista. De maneira que eu — que estava na União Soviética desde 1932 — resolvi voltar. Isto foi por minha vontade própria: “eu vou porque já estou aqui há três anos, vou lutar contra o fascismo lá no Brasil”.

O Secretariado da III Internacional era dirigido pelo camarada Dimitri Manuïlski, que se tornou meu grande

amigo. Ele insistiu muito comigo para não vir, porque cuidava da minha segurança, achava que eu não teria segurança suficiente no Brasil.

Isto se comprova pela pessoa que ele escolheu para me acompanhar: a Olga, pessoa de inteira confiança a quem ele deu essa tarefa.

Em outubro de 1934 uma delegação do Partido Comunista esteve na União Soviética. Essa delegação pin-

tou um quadro de uma situação já revolucionária no Brasil. Depois verificamos que era um quadro muito exagerado. Não havia uma situação assim tão revolucionária no país. Havia descontentamento já muito grande com o Getúlio porque ele não cumpriu nenhuma das promessas com que se apresentou candidato em 30.

Agora saiu um livro sobre a Olga, do deputado Fernando Moraes, em

que justamente está lá claro, nas palavras de Manuïlski com a própria Olga, que eles resistiram muito a essa intenção dos comunistas brasileiros, do Secretariado.

Discutiram muito, mas concordaram afinal que a situação no Brasil era realmente séria.

Quando o companheiro Jorge Dimitrov foi preso, acusado de ter posto fogo no Reichstag com mais dois companheiros búlgaros, houve uma campanha internacional pela libertação de Dimitrov e no Brasil essa campanha tomou um vulto muito grande.

Depois da libertação de Dimitrov o Partido transformou essa força de massa, já mais ou menos organizada, em luta pela paz. Nessa luta pela paz, no mês de março, se reuniu uma grande assembleia no teatro João Caetano.

Eu era um simples membro do partido, ele era o Secretário-geral. Mas o Miranda enganava os outros. Chegava no mapa do Brasil, botava o dedo em qualquer lugar e dizia quantos membros, quantas bases o Partido tinha...

no, e nessa assembléia foi fundada a Aliança Nacional Libertadora.

A ALN devia lutar pela independência nacional, mas fundamentalmente era contra o fascismo. Eu fui eleito nessa Assembléia presidente de honra da Aliança, por causa do prestígio da Coluna.

O crescimento da Aliança se deveu ao descontentamento popular e ao desgaste do Getúlio. Os tenentes não tinham feito nada, não resolveram nenhum problema. O Getúlio também não fazia nada. A situação econômica era má.

Agora aí houve erro nosso na avaliação da situação econômica e do próprio desgaste do Getúlio. Porque em 1929 o Brasil sofreu todas as consequências da crise geral do capitalismo: o preço do café foi lá para baixo, o Brasil não podia importar quase mais nada. Mas já em 1933, se nós tivéssemos examinado a situação econômica com mais atenção, talvez pudessemos adiar mais o movimento.

O problema foi que em 1933 nós tínhamos passado o ponto mais baixo da crise, tinha começado um certo desenvolvimento, diminuído a falta de trabalho, começado portanto uma saída para a crise, já nos meados de 35. Nós, no entanto, não pensávamos em luta armada imediatamente.

Em setembro de 35, houve uma greve, em Petrópolis em que houve choques violentos entre comunistas e integralistas, que se espalharam pelo Brasil afora. Aqui na Praça da Sé foi liquidado o Integralismo, fizeram uma grande manifestação, os comunistas enfrentaram a reação e o integralismo nunca mais pode fazer nada aqui em São Paulo. Isso foi em agosto.

Em Petrópolis foi em setembro. O Camarada Sisson, que era secretário-geral da Aliança, nesse momento me escreveu uma carta dizendo que tinha chegado a hora da insurreição. Eu então respondi, por escrito dizendo que ele estava equivocado, que aquele movimento de Petrópolis foi muito importante, mas só depois de uns 20 Petrópolis é que nós estaríamos em condições. Para formar quadros, comandantes, só no processo dessas lutas, que tinham de continuar, e que depois é que poderia se desencadear a luta armada.

Nós tínhamos forças organizadas no Nordeste, no Rio Grande do Norte, em Pernambuco, em todos os estados do Nordeste, e nos quartéis do Rio.

Mas nós não pensávamos em insurreição imediatamente. O último companheiro do Comitê Central que tinha viajado para o nordeste levava a ordem de que não se iniciasse nada por lá sem a ordem do Rio. A Internacional Comunista também não pensava em insurreição no Brasil. Em agosto de 1935 houve o VII Congresso da Internacional Comunista em Moscou. O camarada Dimitrov, analisando a nossa Aliança Nacional Libertadora falou textualmente o seguinte: "No Brasil, o Partido Comunista, com a criação da Aliança Nacional Libertadora, baseia-se no sentido do desenvolvimento da frente única antiimperialista. A ANL tem que fazer todos os esforços para continuar ampliando sucessivamente esta

Era mais fácil construir o partido nos quartéis do que nas fábricas. Nós tínhamos três jornais: um do Exército, um da Marinha e um da Aeronáutica e os soldados faziam questão de botar o jornal do Partido na mesa do comandante...

frente, mediante a incorporação, em primeiro lugar, das massas de milhões de camponeses, tendo como objetivo a criação de um destacamento de um exército nacional revolucionário, fiel sem reservas à revolução, e combater pela instauração do poder da ANL".

Não era pois um poder comunista. Era o poder da ANL que nós caracterizávamos como um governo popular-nacional-revolucionário que combateria os monopólios e o latifúndio, os principais inimigos do país.

E aí chegou novembro. A revolta eclodiu inesperadamente, volto a afirmar.

Eu estava em figurosa clandestinidade, só tinha contato com o Partido através do secretário-geral que era o companheiro Miranda. Que aliás é injustamente acusado no livro do Fernando, chamado de ignorante. Ele não era ignorante, ao contrário, era um nacionalista, não era um comunista. Era professor primário, falava francês muito bem, melhor do que eu. Não era marxista, muito longe disso, mas não se podia dizer que era um ignorante, atrasado, é exagero, é uma coisa exagerada. Eu não preten-

ter iniciado o levante, mas tivemos que perder um dia até encontrá-lo.

Eu não podia — eu não era dirigente do Partido — fazer nada sem consultar a ele que era o Secretário do partido, a direção do Partido era ele. Havia oficiais da Aviação, com os quais eu estive na noite de 25 para 26 ali no Catete, que queriam levantar logo de uma vez. Eu disse "não, espera; para fazer uma coisa disciplinada". Eu não podia passar por cima do meu comandante, eu era um simples membro do Partido, ele era o Secretário-geral.

No dia seguinte estivemos com ele. O Secretariado latino-americano do Comintern estava lá. A União Soviética devido a que a situação parecia pré-revolucionária no Brasil, tinha transferido o Secretariado de Buenos Aires para o Rio de Janeiro.

O Camarada Ghioldi era o chefe e Berger estava como auxiliar. O Berger só veio a pedido do Miranda, ele pediu que viesse um assessor a quem ele pudesse consultar. Eu conheço bem as ordens que foram dadas ao Berger: que não interviesse nos assuntos internos do Partido. O papel do Berger era responder às indagações

Quando chegou a notícia de Natal, perdemos um dia inteiro até encontrar o Miranda. Já na reunião, diante do quadro, ele até vacilou. Eu insisti: já que os companheiros levantaram-se lá, nós vamos deixá-los abandonados?

do defendê-lo porque mesmo era capaz de exageros maiores.

Quando ele esteve em Moscou, o camarada Manulski ouviu-o durante muitos dias, ele enganava os outros. Ele chegava no mapa do Brasil, botava o dedo lá em qualquer lugar e dizia quantos membros do Partido tinha, quantas bases etc.

O Partido era muito fraco, não tinha base nenhuma na classe operária. Mas os exageros do Miranda... Ele dizia a mim, que iniciada a luta, imediatamente a cidade estaria às escuras e sem bondes, os postes da Light de Ribeirão das Lages já estavam todos preparados para estourar, explodir. Não tinha isso! Quando chegou o dia não houve nada.

No dia 23, de novembro recebo telegrama, dizendo que o Batalhão de Caçadores de Natal tinha se levantado. No dia seguinte, o Batalhão de Recife apoiou.

Eu estava no Rio. Reunimos os companheiros, mas não havia meios de encontrar o Miranda, não sei o que houve com ele, sei que desapareceu. Perdemos pelo menos um dia. Na noite de 25 para 26 já se podia talvez

que o Partido quisesse fazer. Tanto que ele não tinha contacto nenhum a não ser com o Miranda.

Já nessa época o Comintern estava muito preocupado em não intervir nos assuntos internos de outros partidos; cada um era responsável pela elaboração de sua linha política, não tinha nada que ouvir qualquer ordem da Internacional. Não havia nada disso, é preciso desmentir tudo isso. E a revolução não visava uma revolução comunista, a revolução era nacional-libertadora e particularmente antifascista. O principal era combater o fascismo, tanto que arrastou homens como Hermes Lima, João Mangabeira. Todos esses foram presos também como os outros, os comunistas.

Diante do quadro, na reunião, o Miranda já vacilou, mas eu insisti: já que os companheiros levantaram-se lá, nós vamos deixá-los abandonados?

A força que nós tínhamos no Rio admitia que eu tinha base militar em todos os quartéis da Vila Militar e no Batalhão Naval. Mas não havia nada. Não se levantaram. Levantou-se o III Regimento de Infantaria na Praia

Vermelha, numa situação muito ruim: aquilo ali é uma garganta. A ordem que eu mandei foi a de que o Regimento se levantasse, saísse imediatamente daquela garganta, mandasse guardas-francos para o Palácio Guanabara e para o Palácio do Catete, e avançasse até o Arsenal da Marinha para ajudar o Batalhão Naval a se levantar, para depois então marchar para o Quartel-general do Exército. Mas não puderam sair da garganta. Teve uma luta interna muito séria, e quando eles estavam em condições de poder sair, o general Dutra que era o comandante da Região, já tinha fechado a garganta ali no início da praia de Botafogo. O Regimento ficou só. Também a Escola de Aviação levantou-se mas teve de abandonar as posições.

Mas por que houve esse levante? Há muita especulação a esse respeito, inclusive a de provocação policial. Não foi nada disso. O que houve é que, naquela época, era mais fácil construir o partido nos quartéis do que nas fábricas. Porque desde 30, — os quartéis, o Exército — estavam muito anarquizados então o descontentamento dos soldados era muito grande; em todos os quartéis nós tínhamos base.

O que é que um comunista deve fazer num quartel, qual é o trabalho dele? Deve ser um trabalho de propaganda do comunismo para preparar os soldados para, no caso de um levante da classe operária, apoiá-la. Mas o que se fazia não era propaganda, era agitação, uma agitação tremenda. Ora, uma agitação comunista de arma na mão, a gente pode dizer o que é que vai dar. Nos refeitórios a agitação era quase diária. Nós tínhamos três jornais, um do Exército, um da Marinha e um da Aeronáutica, e os soldados faziam questão de botar o jornal do Partido em cima da mesa do comandante.

Agora, diante da derrota, há muitos companheiros — principalmente hoje no CC (Comitê Central) que dizem que foi um erro. Eu não concordo. Eu acho que o Movimento de 35 foi o ponto mais alto da atividade do nosso Partido ao longo de toda a sua vida. Foi o primeiro Partido Comunista que se levantou em armas contra o fascismo, contra a fascização. Os espanhóis foram os seguintes, em julho de 1936. E lá quem tomou a ofensiva foram os fascistas. Aqui nós é que tomamos a ofensiva contra o integralismo.

E como diz Lênin, depois de 1905, quando se dizia que não deveriam ter tomado as armas, mas ter feito a greve geral em Moscou, ele respondia: "não, todo movimento que é patriótico e honesto nunca é em vão". É uma experiência. Lênin chamava 1905 de "o primeiro movimento para a revolução." Foi a primeira experiência. E aqui no Brasil também. Eu acho que esse Movimento impediu a fascização do país naquele momento. O Movimento de 35 determinou a desmoralização do Integralismo.

Participaram no acabamento desta matéria: Virginia Pinheiro, Laura de Aquino e Luis Henrique Cunha.

Cinquenta anos da Intentona Comunista

Comunistas querem esquecer movimento fracassado

Da Reportagem Local
e do Sucursal do Rio

Cinquenta anos depois, o Partido Comunista Brasileiro quer esquecer a Intentona de 1935 e não tem dúvidas de que se tratou de "uma precipitação", uma tentativa improvisada de tomada do poder e, portanto, fadada ao fracasso. Para não-comunistas como Miguel Reale, jurista de 75 anos, ex-integralista, o levante foi mais do que isso: foi uma demonstração de que o PCB "não hesita em lançar mão da força para impor o totalitarismo".

Segundo o historiador Edgar Carne, 62, professor da USP, o levante de 1935 surgiu em uma reunião em agosto de 1934 em Moscou, da Internacional Comunista, em que se declaram os caminhos da revolução socialista na América Latina: frente ampla no Chile e insurreição no Brasil. O ex-secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, estava nesta reunião, mas não quis falar a Folha sobre 1935. De sua casa no Rio, por telefone, Prestes afirmou: "Não me interessa dar entrevista à Folha porque será vetada e não será publicada. A Folha já foi um jornal progressista e agora está ruim, com posições retrógradas".

Já seu ex-companheiro de partido, Severino Teodoro de Mello, hoje membro da Comissão Provisória Nacional do PCB, não hesitou em criticar o movimento do qual participou, em Recife (PE). E contou: "As 7h30 da manhã do domingo, dia 23 de novembro de 1935, o cabo Mello, então com 18 anos, decidiu tomar café no rancho do quartel do 29º Batalhão de Caçadores de Recife, quando foi avisado pelo sargento Elpidio: 'Vamos levantar hoje às

9h'. 'Da noite?' perguntou. 'Não, da manhã' — foi a resposta. 'Mas não tem ninguém no quartel' — disse Mello, surpreso. Este diálogo, diz Mello, reproduz bem o clima de improvisação que cercou a tentativa de levante. E continua:

Informados da insurreição em Natal, no dia 22 de novembro, os líderes comunistas de Recife receberam ordem do comitê central do partido para iniciar o movimento. A ordem pegou os líderes pernambucanos totalmente desarticulados, segundo Mello. "Não tinha mais do que cinquenta homens no quartel, trinta deles recrutados incorporados no dia 1º, que não haviam aprendido a dar um tiro" — diz.

O historiador Edgar Carne, autor de 23 livros sobre a República, alguns sobre o PCB, acrescenta: "Havia falsas informações sobre o clima revolucionário no Brasil. Havia um clima de insatisfação e greves, mas ainda superficial, mas não havia ainda uma situação revolucionária".

MDB

Hoje, no Rio, será lançado o Movimento em Defesa do Brasil (MDB) idealizado pelo general Lopes Bragança, que promete distribuir um milhão de panfletos nas maiores capitais do País, "denunciando a perversa doutrina comunista, que traz o crime, o terrorismo, o estupro, o tóxico", e saudando a vitória de Jânio Quadros para a Prefeitura de São Paulo, "que fez em farelo a foice e o martelo".

Os novos emedebistas garantem que a semelhança com o antigo MDB (atual PMDB) "é mera coincidência" e aproveitam a data comemorativa da Intentona Comunista para o lançamento nacional do movimento.

Ordem do dia exalta a democracia

Da Sucursal de Brasília

"Vivemos a democracia e para ela voltamos o melhor de nós mesmos, certos e convencidos desta opção como sistema político ideal para os povos livres. (...) afirma a ordem do dia única, alusiva ao 50º aniversário da Intentona Comunista, assinada pelos três ministros militares, conforme a Folha antecipou no domingo. O texto será lido hoje, durante solenidade no Rio de Janeiro, com a presença do presidente José Sarney, e em todas unidades militares. O ponto alto da cerimônia será o cumprimento do presidente Sarney aos familiares dos mortos em 35, após a colocação de flores no mausoléu da praia do Flamengo, no Rio.

A seguir os trechos mais importantes da ordem do dia:

"O momento exige reflexão. O momento reclama constante vigilância cívica, coerente com a fidelidade e uma vocação eminentemente ocidental e cristã, visando a impedir que as futuras gerações sejam vítimas de um sistema político que escravize o homem ao determinismo do Estado. (...)

"Assim, nos idos de 35, a reação das Forças Armadas contra a Intentona Comunista traduziu a vontade do povo, impedindo que uma minoria alienada ascendesse ao poder pela violência — pregação e prática de seus estrategistas — na tentativa de esmagar nossos princípios democráticos. (...)

Início estava marcado para o dia 29

Banco de Dados

O levante que agitou o País em fins de novembro de 1935 passou para a história com a denominação de Intentona Comunista, nome que já aparece nas denúncias contra os envolvidos, formuladas, no mesmo ano, perante o Tribunal de Segurança Nacional. O movimento estava marcado para o dia 29 de novembro, mas por ter chegado ao conhecimento da cúpula das Forças Armadas com bastante antecedência, foi precipitado e acabou eclodindo em três datas diferentes: Natal (RN) em 23 de novembro, Recife (PE) em 24 de novembro e Rio de Janeiro em 27 de novembro. A data oficial, para efeito das solenidades militares de culto aos mortos das forças do governo, é 27 de novembro.

Em Natal, a direção das operações coube a cabos, sargentos, operários e funcionários públicos, que tomaram o quartel do 21º Batalhão de Caçadores no dia 23 e, depois, os pontos principais da cidade, depondo o governador. Os insurretos formaram uma junta governativa e permaneceram no poder até a chegada de tropas federais, no dia 27. Em Recife, o

movimento eclodiu exclusivamente em quartéis e durou quatro dias.

No Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a revolta foi mais intensa. No 3º Regimento de Infantaria, bairro da Praia Vermelha, os insurretos prenderam os oficiais pouco antes das 3h do dia 27. Rapidamente as forças legalistas cercaram o 3º RI e depois de dez horas de combate os amotinados se renderam. No Campo dos Afonsos, também no Rio, o levante, dirigido pelos capitães Agilberto Vieira de Azevedo e Sócrates Gonçalves, foi logo dominado.

A sublevação militar de novembro de 1935 foi preparada sob a liderança do capitão Luiz Carlos Prestes, que vivia na clandestinidade, depois da Coluna Prestes (1925-27) e da adesão ao comunismo em 1931. Mas o plano de Prestes apenas correspondia ao desenvolvimento lógico da estratégia então adotada pela 3ª Internacional (que agrupava e centralizava os partidos comunistas de todo o mundo) liderada por Josef Stalin. Na época, as orientações de Stalin aos seus partidos conduziam a ações isoladas dos PCs que consideravam "centristas", "fascistas" ou "traidoras" todas as organizações que não fossem filiadas à 3ª Internacional.

Chegou a hora de enfrentar os acontecimentos face a face

PAULO SÉRGIO PINHEIRO
Do equipe de articulistas da Folha

Todos os anos, desde o 27 de novembro de 1935, data dos malogrados levantes militares na praia Vermelha e no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, uma cerimônia relembra esses feitos. Nessas cinquenta anos, presidentes, ministros, chefes militares se inclinam diante do monumento erigido às vítimas do comunismo no cemitério S. João Batista. Outros mortos igualmente caídos em revoltas e revoluções são menos lembrados. Esses 22 sarcófagos das vítimas (dois em Recife, quatro em Natal e dezesseis no Rio, em sua maioria nos combates no Campo dos Afonsos) fulguram na memória porque teriam sido abatidos "dormindo" pelo braço do inimigo mor da civilização ocidental e cristã.

Passados cinquenta anos já é mais do que tempo de esparar os mitos e enfrentar face a face os acontecimentos. As rebeliões de 1935 devem pertencer hoje mais ao debate historiográfico do que à mitologia cívica. Especialmente quando um dos principais mitos, as vítimas assassinadas enquanto dormiam, não têm amparo em nenhuma evidência histórica. E pura invenção dos preparadores do estado de exceção, em ação antes mesmo das revoltas. Apesar dessa fragilidade, todos os discursos nos rituais do 27 de novembro repetiram a versão da morte no sono. Pequeno detalhe: o governo e as Forças Armadas à espera da rebelião, pelo menos há uma semana, todas as guarnições estavam de rigorosa prontidão — impossível dormir. Nenhum relatório militar, como o do responsável por debelar o putch do 3º Regimento de Infantaria na praia Vermelha, general Eurico Gaspar Dutra ou aquele do herói do Forte Copacabana, Eduardo Gomes, que

enfrentou os revoltosos a bala no Campo dos Afonsos se lembraram de registrar essa preciosa e utilíssima informação. Nenhuma página dos volumosos autos do processo submetido ao Tribunal de Segurança Nacional ou do minucioso relatório policial do delegado Bellens Porto oferece algum elemento para a versão do sono. Finalmente, nenhum laudo das necropsias das vítimas aponta subsídios para a fábula. Essa foi pela primeira vez criada numa correspondência de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha e entronhada pelo discurso de Ano Bom de 1936 pelo futuro ditador. A partir daí, a versão virou fato.

Além desse mito, a esta altura da pesquisa e da reavaliação histórica o que foi final a 27 de novembro de 1935? Ainda que a data relembre somente uma rebelião, a do Rio de Janeiro, essa foi a última de uma série de três que começou em Natal, no dia 22, seguiu em Recife no dia 24. A revolta em Natal, a mais ampla das três, que contou com a participação discreta do cabo Dias, o atual presidente da Comissão Provisória Nacional do Partido Comunista Brasileiro, Giocondo Dias, conseguiu efetivamente assumir por dias o poder no Estado. Processos facilitados pela fuga do governador. Foi nomeada uma junta com elementos civis e populares, baixadas medidas de interesse da população — sem grande efeito. A rebelião em Recife não passou de um levante de quartel, uma quartelada, apesar da participação de militantes comunistas, e não conseguiu sobreviver uma manhã.

Essas rebeliões em Natal e Recife tinham muito mais a ver com a política local do que propriamente com o movimento comunista. O que não impede que, para os comunistas, o Nordeste sempre tenha sido objeto

de grandes expectativas. Luiz Carlos Prestes, num artigo publicado em 1934 no "La Correspondance Internationale", órgão de divulgação da Internacional Comunista, o Comintern, vê nessa região grandes movimentos de massas e considera os camponeses como guerrilheiros camponeses, que através do Partido Comunista poderiam se ligar às massas. No Terceiro Congresso dos Partidos Comunistas da América Latina, um delegado brasileiro "Keiros", provavelmente o próprio secretário-geral Antonio Maciel Bonfim, antigo soldado, declara que "os camponeses partisans estão chamando para a luta, estão unidos os camponeses pobres em sua batalha pelo pão e pela vida". Um relatório da Conferência Nacional do PCB, do mesmo ano, promove o Nordeste à categoria de "nação oprimida", com especificidade linguística e direito de "secessão" do governo federal. Acreditava-se que o Nordeste estava fadado a grandes feitos revolucionários.

O que fascina no caso das três rebeliões de 1935, e especialmente na do Rio de Janeiro, e nelas se misturam as concepções de golpe de Estado, posta em prática pelos tenentes nos anos 20, e a de insurreição popular, soviética, na vertente do Comintern. Do mesmo modo que os revoltosos do Forte Copacabana em 1922 queriam atingir o centro do poder, o Palácio do Catete, na praia do Flamengo com os tiros de canhão do forte, os insurretos de praia Vermelha queriam tomar o Palácio Guanabara. Considera-se o Estado como uma fortaleza e para derrubar o governo basta conquistá-la. Prática-se o golpe de Estado, mas pretende-se desencadear uma insurreição popular. "O povo brasileiro levanta-se em todo o País disposto a defender o seu novo governo — o Governo Popular Nacional que hoje se implanta

ta", conclamação de Luiz Carlos Prestes que ficou apenas na letra do folheto distribuído no dia 27. A insurreição não ultrapassou as paredes de madeira e estuque (era um antigo pavilhão de uma exposição comercial de 1908) dos prédios do 3º RI na praia Vermelha, nem a Escola de Aviação no Campo dos Afonsos. O embaixador norte-americano Hugh Gibson, flutuamente, num extenso relatório enviado ao Departamento de Estado em Washington, no dia 2 de abril de 1936, declara: "A rebelião de novembro foi comunista se comparada com revoltas brasileiras anteriores, mas em certo sentido foi simplesmente mais uma das depravadas séries de revoltas que têm devastado e assolado o País".

O golpeismo brasileiro teve condições de se conjugar com a estratégia revolucionária do Comintern porque o levante se articulava com a visão insurrecional da revolução nos países coloniais e semi-colônias (como o Brasil), para os quais a referência da revolução chinesa era básica. Se o Cavaleiro da Esperança tivera tantos êxitos conduzindo a maior revolta do povo brasileiro, como considerava a Coluna Prestes um texto do Comintern, imagine-se Luiz Carlos Prestes guiado pela luz dos comunistas.

Longe de ser um acontecimento simples que a mitologia política dos golpistas do Estado Novo e seus herdeiros intelectuais pretendiam construir, as rebeliões de 1935 constituíam desafiando os pesquisadores com seus elementos contraditórios. Com imensa clareza, o professor Marco Aurélio Garcia, da Unicamp, na última reunião da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais, em Agnô de São Pedro, sublinhava essa ambiguidade: as rebeliões são golpe de Estado e insurreição. Pertencem a um período de radicalização no

Comintern, mas guardam seus laços com a política de frente com a Aliança Nacional Libertadora (ANL), posta na ilegalidade em julho de 1935; determinadas pela política interna mas com o apoio do Comintern. Aqueles que pretendiam durante todas essas décadas reduzir as revoltas a uma ou outra face, escaquearam a explicação.

E continua surpreendendo meio século depois dos levantes, considerar, como faz Luiz Carlos Prestes naquela que deve ser sua mais recente entrevista, "Leito", novembro 1985, nº 85, pag. 17, que "novembro eclodiu inesperadamente"; pode ser até que a data fosse prematura, impossível negar a preparação. Costuma-se também atribuir toda a responsabilidade pelos equívocos ao secretário-geral do PCB na época, Antonio Maciel Bonfim, que teria informado incorretamente o Comintern. Dada a aura de herói que cercava o Cavaleiro da Esperança hoje parece impensável que uma iniciativa militar como aquela do levante de 27 de novembro não contasse com a contribuição de Prestes seja na concepção como na execução. Por outro lado, o levante não difere tanto do padrão da história das insurreições a que esteve ligado o Comintern de 1919 a 1935 (inclusive duas vezes na América Latina, no Chile em 1932, ainda que remotamente, e em 1934, em El Salvador). Em membro do Comitê Executivo da Internacional Comunista, como era Luiz Carlos Prestes desde agosto de 1935 (não importa se estivesse ou não em Moscou) teria de pesar com suas opiniões e decisões no preparo da insurreição. Atribuir todas as responsabilidades aos assessores internacionais do Comintern para aqui despatchados, constitui grave equívoco. Mas não se trata de uma questão de responsabilizar ou de transformar

Luiz Carlos Prestes em maior culpado. O problema é extremamente mais complexo do que atribuir responsabilidades a heróis, mesmo fracassados. Isso não é correto, do ponto de vista político ou historiográfico. O Eduardo Gomes, do Forte Copacabana, e Luiz Carlos Prestes, do 27 de novembro, ainda que não tenha pegado em armas pessoalmente, estão na mesma galeria da história, por mais que se diferenciem suas ideologias. A forma do golpe de Estado os aproxima.

Menos de um mês depois da revolta comunista de 27 de novembro se iniciou a elaboração de uma emenda constitucional — oportunamente apresentada ao Senado Federal em 25 de novembro de 1935, em plena rebelião de Recife — e aprovada no dia 18 de dezembro. Estava aberto o caminho legal para o estado de exceção com que tantos sonhavam desde a nova Constituição de 1934 (a começar pelo próprio Getúlio Vargas). Através dessa emenda, contestada por uma ditadura minoria nas duas Casas do Congresso, o presidente obtinha poderes quase ditatoriais (era autorizada a suspensão de todas as garantias constitucionais). Com uma autorização legal, o governo, pretendendo escapar do controle parlamentar, prepara a derrubada do governo constitucional. A polícia brasileira, irmanada com a Gestapo, e outros serviços de informação, prenderá a esmo, torturará profusamente e assassinará. Um juízo é especialmente criado para a justiça sumária: o Tribunal de Segurança Nacional. A repressão que se seguiu à última revolta comunista foi o ensaio geral do arbítrio que desdobrou com toda sua pujança no Estado Novo. Renovado com todas as pompas na última ditadura recente interrompida, em nome da "fidelidade a uma vocação eminentemente ocidental e cristã" do Brasil.



O presidente Getúlio Vargas visita os túmulos dos 16 mortos no Rio de Janeiro



Lago, Macedo e Galvão, do Governo Popular Revolucionário

Sarney participa das homenagens no Rio

Da Sucursal do Rio
e do correspondente em Fortaleza

O presidente José Sarney participa hoje, no Rio, das homenagens militares às vítimas da Intentona Comunista, que comemora 50 anos. O secretário de Imprensa da Presidência da República, Fernando César Mesquita, informou ontem que sua presença no evento está prevista há muitos meses em sua agenda. A solenidade será realizada na praia Vermelha, na Urca (zona Sul da cidade), junto ao Monumento aos mortos do levante comunista de 35.

A comemoração ocorrerá exatamente

mente como nos anos anteriores à "Nova República": o Presidente chegará ao monumento juntamente com o governador do Estado, Leonel Brizola, às 10h, quando será executada o Hino Nacional e haverá uma salva de tiros. A seguir, passará revista à guarda de honra e em seguida cumprimentará as famílias das vítimas e depositará uma coroa de flores no mausoléu.

A solenidade será encerrada com a leitura da ordem do dia dos ministros militares, e, em seguida, Sarney irá para a Base Aérea do Galeão, de onde retorna a Brasília. O embarque está previsto para as 11h40.

Em Fortaleza (CE), pela primeira vez, desde 1964, a homenagem às vítimas da Intentona Comunista sai da área dos quartéis para uma praça pública, com a realização da solenidade na praça da Ferreira, no Centro da cidade.

A Secretaria de Comunicação Social do governo do Estado, distribuiu ontem o seguinte comunicado:

"A memória das vítimas da Intentona Comunista de 1935 será reverenciada amanhã, quarta-feira, em Fortaleza, por iniciativa dos comandos da Marinha, Exército, Aeronáutica e Polícia Militar do Ceará, contando

com o apoio de várias instituições cearenses. Haverá concentração na praça da Ferreira, às 18 horas, reunindo autoridades civis e militares, dirigentes classistas e populares.

Entre os presentes à solenidade, estará o governador Gonzaga Mota, na qualidade de convidado especial, que deverá ali comparecer acompanhado de secretários estaduais e assessores. Anualmente, as Forças Armadas realizam cerimônias para homenagear os que tombaram no campo de batalha, relembrando o infausto acontecimento e ressaltando o grande valor do soldado brasileiro".

Agora, Giocondo vê precipitação

Da Sucursal do Rio

O presidente da Comissão Provisória Nacional do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Giocondo Dias, 72, comentando a Intentona Comunista de 1935, disse que "naquele instante eu achava tudo certo, anos depois também. Hoje, não. Tendo vivido e aprendido com companheiros e estudado este episódio. Acho que foi uma precipitação, mas tenho muito orgulho de ter participado de 1935".

Giocondo Dias, que hoje se encontra no Rio de Janeiro, participou da deflagração do levante comunista em Natal (RN), único lugar onde os insurretos tomaram o poder, e instalaram um governo que durou quatro dias. Analisando os episódios de 35, Giocondo cita dois, entre os erros cometidos, como os mais importantes para o fracasso da insurreição: um deles foi a influência do tenentismo que teria feito predominar a tendência golpista do movimento; e o outro, o fato de sua direção não ter percebido que "estava em ascensão o fascismo no mundo, aqui sob a capa do integralismo". Segundo o ex-cabo Dias, a influência de tenentismo, existente na Aliança Libertadora Nacional (ALN), da qual participava o PCB, praticamente selou o destino do movimento. "Todo movimento que se baseia fundamentalmente nos quartéis está fadado ao fracasso. Houve adesão de massa à ALN, mas ao levante houve apenas em Pernambuco e em Natal. No Rio não houve", disse o líder comunista.

Embora não considere a insurreição exclusivamente comunista — "foi um movimento da ALN, democrático e nacionalista, de que os comunistas



Giocondo orgulha-se de sua participação

participaram", o dirigente do PCB reconhece que sua deflagração trouxe consequências para o País e para o partido: "De certa maneira, o movimento contribuiu para que o anticommunismo passasse para o primeiro plano e servisse de justificativa para uma série de provocações, como o plano Cohen e para a decretação do Estado Novo. De outro lado, a ação desencadeada contra os comunistas foi das mais bárbaras". As solenidades, na área militar, em honra das vítimas do levante de 35, na opinião de Giocondo, ainda mantêm esta marca anticomunista. "O espírito da revanche ainda predomina em determinados setores da elite dirigente, engrossada por uma história anticomunista. A cada comemoração aumenta o número de pessoas que, dizem, foram mortos dormindo. Quem morreu, morreu lutando", disse.

Para Reale, um "pesadelo" preparado

Da Reportagem Local

A insurreição de 1935 foi um "pesadelo" longa e meticulosamente preparado pelo PCB e que, ao contrário das versões históricas correntes, rebentou não apenas em Natal (RN), Recife (PE) e Rio "mas em dezenas de lugares do Brasil, uns os mais distantes dos outros", segundo um observador contemporâneo da revolta, o hoje jurista, Miguel Reale, 75. Este "pesadelo", segundo ele, foi armado "pela fidelidade das Forças Armadas, mas, sobretudo, pela fidelidade do povo brasileiro à consciência democrática".

Em 1935, Reale estava na linha de frente do movimento anticomunista brasileiro. Chegou a ser secretário de doutrina da Ação Integralista Brasileira (AIB), partido do qual se afastou em 1939 por divergências com seu líder, Plínio Salgado. Segundo ele, a insurreição de 35 já era do conhecimento dos integralistas antes mesmo do levante em Natal. "Naturalmente, só não tínhamos conhecimento da data preparada para a insurreição", disse.

Para o jurista, a Intentona, "não se tratou, como se quer fazer crer hoje, de um movimento acessório ao contingente, mas ao contrário, de uma insurreição cuidadosa e planejada, preparada pelo Partido Comunista. A insurreição se deu ao mesmo tempo em dezenas de lugares do Brasil, uns os mais distantes dos outros. Fala-se apenas do que se passou no Rio de Janeiro, mas, por exemplo, na cidade de Itajubá, Sul de Minas Gerais, sede de um batalhão de engenharia, um sargento comunista levantou a guarnição e tomou conta da cidade". E acrescentou que "havia articulação



Reale vê legalização do PC com reservas

em muitas outras cidades, não me sendo possível, passados tantos anos, lembrar quais. Mas, na época, eu sabia que eram dezenas de pontos de insurreição, do Rio Grande do Sul até o Pará. Analisando a Intentona de 35, Reale diz que não há razão "nem para enaltece-la nem tampouco para supervalorizá-la". E acrescenta que "não devemos transformar 1935 num cavale de batalha para a implantação desta ou daquela ideia, mas também não devemos passar uma esponja sobre aquilo que aconteceu e que tem seu significado histórico". Reale disse ainda que hoje não é contra o funcionamento legal dos PCs. "Muito embora o faça com reservas". Mas ressalvou a posição atual dos PCs italiano e espanhol que "se desvincularam de suas raízes originais, de subordinação e fidelidade ao imperialismo soviético".

Arinos considera inviável a tese das diretas em 86

Manoel Pires

Da Sucursal do Rio

Para Pazzianotto, Sarney tem interesse em sua candidatura

Da Sucursal de Brasília

O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, declarou ontem em Brasília que, em recente conversa com o presidente Sarney, chegou à conclusão de que "o Presidente tem interesse em que eu seja candidato a governador" de São Paulo.

"Ele não afirmou isso, mas eu acho, senti", disse Pazzianotto. "O Presidente chegou a comentar, a respeito da eleição para a Prefeitura de São Paulo, que é umânime que se você (Pazzianotto) fosse o candidato, teria sido eleito", disse.

O ministro fez estas declarações ao visitar o Comitê de Imprensa da Câmara e diante da insistência de repórteres que desejavam saber se ele preferia ficar no Ministério ou candidatar-se a governador. Se atenderia ou não um apelo do Presidente para que ficasse no Ministério, o ministro disse: "Não sei, eu iria avaliar. Iria ver, por exemplo, se era um apelo formal ou não".

Pazzianotto disse ainda não haver participado de nenhum entendimento para uma renúncia coletiva do Ministério, no dia 15 de fevereiro —prazo que os ministros têm para se desincompatibilizar de seus cargos—, mas observou: "Se é para raciocinar em termos pessoais, prefiro sair em fevereiro".

Sobre a questão da renovação do diretório regional do PMDB paulista —na convenção de janeiro—, ele apontou a necessidade de um esforço em favor da unidade partidária. Pazzianotto disse que há tempos

—"oito anos"— o vice-governador Orestes Quêrcia vem trabalhando para ser candidato a governador, mas afirmou: "Se ele quer hegemonia (no diretório), metade do partido sai".

Ailton Soares

"Se o dr. Ulysses participar de mais uma reunião dessas, sepulta o PMDB de São Paulo", afirmou ontem o vice-líder do PMDB na Câmara, Ailton Soares, a propósito do encontro que o presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães, manteve, domingo passado, com a cúpula do PFL.

Segundo Ailton Soares, a participação de Ulysses nesse encontro "repercutiu muito mal no PMDB de São Paulo, porque o PFL é o partido do Olavo Setúbal, que quer ser candidato ao governo do Estado, e porque a conversa com os frentistas ocorreu sem que a própria executiva do PMDB tenha sido antes convocada para avaliar os resultados das eleições municipais".

Reunião

A bancada do PMDB na Câmara decidiu ontem, por aclamação, convocar uma reunião do diretório nacional "para redefinir as linhas de ação do partido e precisar seu ideário".

O autor da proposta, vice-líder Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE), 64, disse que o objetivo do encontro é a "superação da crise de identidade que o PMDB atravessa". O diretório deverá se reunir o mais rapidamente possível.

PT não confirma encontro de Lula e Brizola anunciado por Rosseti

Da Reportagem Local

O encontro entre o governador do Rio, Leonel Brizola, do PDT, e o presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, previsto para hoje à noite, em Brasília, não tinha sido oficialmente confirmado até às 18h de ontem. A informação foi dada pelo secretário-geral nacional do PT, professor Francisco Wefort, 48, que interrompeu reunião do Conselho Político do partido, em sua sede da Vila Mariana, zona Sul de São Paulo, para atender à imprensa. Lula, que também participava da reunião, preferiu não tratar diretamente do assunto com os jornalistas.

O deputado Nady Rossetti, líder do PDT na Câmara Federal, havia anunciado o encontro na segunda-feira, em Brasília, dizendo que Lula e Brizola tratariam da sucessão presi-

dencial. Ontem, Wefort afirmou que os dois devem realmente se encontrar, mas não necessariamente nesta semana.

Dando sua opinião pessoal sobre a proposta do governador Franco Montoro de formação de uma coligação do PMDB, PT e todas as "forças progressistas", nas eleições para o governo do Estado em 86, Wefort disse que o PMDB, mais uma vez, encaminha o processo sucessório lançando nomes antes de discutir programas. E comentou: "Do ponto de vista do PT, isto significa areia na engrenagem".

Wefort disse também que os petistas não aceitaram a decisão do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás contrária à anulação das eleições em Goiânia (GO), e que vão recorrer ao Tribunal Superior Eleitoral.

STF julga hoje Ackel, acusado de prevaricação

Da Sucursal de Brasília

O ex-ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, 54, será julgado hoje pelo Supremo Tribunal Federal no primeiro processo em que foi indiciado por prevaricação (artigo 319 do Código Penal) pela Polícia Federal, apontado como responsável pelo arquivamento de inquérito policial que apurava fraude na compra de táxis a álcool em Mariana, a 120 km de Belo Horizonte (MG). Em sessão secreta, o STF decidirá se acolhe ou não a denúncia oferecida pelo procurador José Sepúlveda Pertence. Prevaricação é "retardar ou deixar de praticar indevidamente ato de ofício ou prática contra disposição expressa em lei para satisfazer interesses ou sentimentos pessoais". Pena: três meses a um ano de detenção, acrescido de um terço por tratar-se de funcionário público.

A Procuradoria Geral da República deve decidir ainda esta semana se pede ou não ao tribunal a condenação de Ackel em outro caso em que foi indiciado por prevaricação pela PF: interrupção de investigação sobre fraudes trabalhistas na empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, a 100 km de Belo Horizonte.

Justiça recebe inquérito sobre caso Baumgarten

Da Sucursal do Rio

Acompanhado por dois policiais, o escrivão Vitor Praça entregou, às 16h de ontem, ao delegado titular da Delegacia de Homicídios, Wanderley José da Silveira, o inquérito sobre o assassinato do jornalista Alexandre von Baumgarten, remetido pelo delegado Ivan Vasques à Justiça.

O delegado Silveira providenciou a imediata anotação da remessa dos autos no livro do tombo da Delegacia de Homicídios, onde o inquérito do caso Baumgarten está registrado, e, às 16h30, três policiais da Homicídios levaram os sete volumes e seis apensos para o 1º Tribunal do Júri, onde foram entregues no cartório, mediante recibo. O inquérito irá, hoje, às mãos do juiz sumariante Rolando da Rocha Passos, que abrirá vista ao promotor do caso, Murilo Bernardes Miguel.

Agendas

Presidente

não foi fornecida

Governador

08h30 assinatura da mensagem à Assembleia Legislativa, encaminhando projeto de lei que amplia o acesso à Justiça

09h00 assessor da imprensa

09h30

Assinatura do decreto descentralizando as compras da administração estadual

10h30 reunião do secretariado —

autoriza convênios entre as

secretarias de Esportes e

Turismo e da Promoção

Social a várias prefeituras

16h30 Associação Rodoviária do

Brasil

09h00

17h15

Missão do Ministério da

Ciência e Tecnologia do

governo da Alemanha Feder-

al

18h00 secretário do Governo

20h00 jantar em homenagem ao

corpo consular do Estado de

São Paulo

18h00

Inauguração do Posto de

Assistência Médica

1º Encontro de Administração Municipal de Trindade

13h00 secretário de Governo

14h00 secretário dos Negócios Ex-

teriores

15h00 cerimônia de instalação da

Comissão Constituinte de

S.P. Assembleia Legislativa

18h00

Inauguração do Posto de

Assistência Médica

09h00



Afonso Arinos fala sobre os trabalhos da comissão na Fundação Casa de Ruy Barbosa

Apreensivo, jurista defende parlamentarismo

MARCELO BERABA

Diretor da Sucursal do Rio

O jurista Afonso Arinos de Melo Franco completa hoje oitenta anos. Quando nasceu, na recém fundada Belo Horizonte, em Minas, no início do século, o País ainda tentava sedimentar as bases da República proclamada dezesseis anos antes. A primeira Constituição do novo regime tinha sido promulgada em fevereiro de 1891, fortemente influenciada pelos princípios constitucionais liberais americanos.

Passadas oito décadas, quando se debruça sobre experiências tão diferentes como as que viveu em velhas e novas repúblicas, ditaduras e períodos de transição, este senhor cansado mas bem-humorado não esconde que está "apreensivo" com o futuro próximo do País e cada vez mais convicto de que o parlamentarismo —que ele imagina, para nós, como um regime que misture as experiências alemã e francesa— é a única solução possível para se construir uma democracia estável.

"Os problemas que vivemos agredem mais do que as possibilidades de solução", diz. "Quando falo em problemas, falo em falta de habitação, em miséria, inflação e analfabetismo. Dá para adivinhar um futuro difícil. Eu fico apreensivo porque acho que a agressividade e a rapidez dos problemas não estão sendo enfrentadas pela organização, mobilidade e energia das forças políticas responsáveis pela sua solução. E isto não é bom."

Ministro duas vezes

Duas vezes ministro das Relações Exteriores (de Jânio Quadros, em 1961, e de João Goulart, ainda na fase parlamentarista, também em 61), deputado federal durante onze anos, líder de um dos conjuntos mais afinados da política brasileira —a "banda de música" da UDN—, senador da República, escritor diversas vezes premiado e professor universitário, Afonso Arinos divide, agora, seu curto tempo entre as funções de diretor do Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas e a presidência da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, comissão governamental que estuda um anteprojeto de Constituição para o País.

"A reflexão depende sempre da localização das lembranças", disse segunda-feira, quando se preparava para as homenagens que começaria a receber ao longo da semana —a mais importante a mostra "Afonso Arinos", organizada pela Fundação Casa de Ruy Barbosa e inaugurada ontem à noite pelo presidente José Sarney. "No meu caso, as recordações são as do político e do escritor. A recordação em mim não é pessoal, mas atávica, de uma tradição de personalidades liberais que vem desde a colônia."

A história da família Melo Franco registra, por exemplo, a condenação do médico Francisco pela Inquisição

Presidente elogia programa escolar do Rio

Da Sucursal do Rio

O presidente José Sarney, 55, disse ontem à tarde, ao inaugurar simbolicamente o Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) Gustavo Capanema, no bairro Nova Aurora, em Nova Iguaçu, a 35 quilômetros do Rio, que "o trabalho de semear escolas é de um verdadeiro político". Sarney disse estar disposto a "dar" a

Dropes

★ O governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, instaurou processo administrativo para apurar responsabilidades pela distribuição, a funcionários da Secretaria de Serviços Sociais, de mais de três mil produtos estrangeiros, doados ao órgão pela Receita Federal.

★ Os prefeitos eleitos das treze estâncias hidrominerais de Minas Gerais vão se reunir amanhã, em São Lourenço, para discutir reivindicações e articular sua atuação junto aos governos estadual e federal.

★ A direção nacional do PMDB se reúne hoje, às 10h, na Câmara, para oficializar a reintegração do senador Nelson Carneiro (RJ) ao partido.

★ O prefeito eleito de João Pessoa (PB), Carneiro Arnaud, e seu vice, Cabral Batista, serão diplomados no próximo dia 6, às 14h, no auditório do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), da Paraíba.

portuguesa quando ainda era estudante de Direito em Coimbra. Este mesmo Francisco Melo Franco esteve envolvido na Revolução de 1817 em Pernambuco. Registra, também, um número grande de deputados no Império, sempre eleitos pelo Partido Liberal. O avô, Virgílio, foi deputado federal no Império e senador estadual de Minas, já na República, entre 1901 e 1922. O pai, Afrânio, foi eleito para a Câmara Federal no governo Rodrigues Alves (1902 a 1906) e, mais tarde, foi ministro de Delfim Moreira (1918).

Beas e más lembranças

Afonso Arinos diz que guarda duas impressões fortes, "carregadas de emoções", do longo período em que participou da política brasileira como deputado federal, senador e, depois, ministro. São boas, bem-humoradas, carregadas de ironia, as recordações que tem do período em que era líder da bancada da UDN e comandava, da tribuna, no Palácio Tiradentes, no Centro do Rio, onde funcionava a Câmara dos Deputados, políticos como Alomar Balêiro, Bilac Pinto, Carlos de Lacerda, Ernane Sábato, João Agripino, Adauto Cardoso —"um pessoal muito bravo" e que fazia oposição aos governos do PTB e do PSD. E são "tristes" as lembranças que tem da morte de Getúlio Vargas e dos dias que antecederam o seu suicídio.

Afonso Arinos foi eleito suplente de deputado federal por Minas e assumiu o mandato em março de 1947, na vaga aberta com a ida de Milton Campos para o governo mineiro. A Constituição tinha sido promulgada em 18 de setembro de 1946. Durante sete anos Afonso Arinos foi o líder da bancada da UDN. "Eu era suficientemente antipático por todos para que continuasse líder. Eu dizia isto à bancada e eles riavam. Mas a verdade é que era mantido por uma unanimidade de sujeitos que me achavam antipático. Era um período muito movimentado, muito fatigante, cheio de complicações e ameaças militares e eu não tinha competência para os arranjos políticos, para a coordenação política. Primeiro, porque não tinha liderança estadual, a minha liderança era toda baseada no prestígio do meu nome e na tribuna. A bancada da UDN era uma grande bancada, pela movimentação, pela agressividade, pela criatividade."

Ele diz que tem arrependimento do discurso que fez contra o presidente Getúlio Vargas no dia 13 de agosto de 1954, uma sexta-feira, onze dias antes do suicídio. "Não gosto nem de me lembrar daquilo. Eu tenho a impressão de um homem acuado, fechado naquele palácio (o do Catete, então sede do governo, no bairro do Flamengo, no Rio), cada vez mais sozinho, abandonado por todo mundo, cercado daquela guarda e daquelas negociações. Eu fiquei muito impressionado quando soube da morte dele. Foi a primeira vez, que eu me lembrei, que fiz um discurso sem controle do que estava dizendo. Eu estava falando como se estivesse

ouvindo uma outra pessoa. É uma a estranha. Um transe. Quando eu desci da tribuna, o Pereira Lima (da UDN de São Paulo) me disse: 'Afonso, você derrubou o governo'. Eu fiquei bestificado. Quando eu cheguei em casa começaram os telefonemas. Foi uma coisa tremenda, foram dias muito sérios."

Afonso Arinos não gosta que chamem a bancada da UDN e a ele próprio de conservadores. "O partido considerava que a institucionalização da democracia era o processo mediante o qual a reforma social deveria atravessar. Como eu acho até hoje. Eu acho que toda a tendência para aquilo que os cientistas políticos chamam de democracia de massa no Brasil é perigosa porque sempre liderada por um caudilho. O caudilho defende a democracia de massa para se apossar do poder e extinguir a liberdade. Esta experiência vem desde o início da República, com Floriano (marechal Floriano Vieira Peixoto, presidente entre 1891 e 1894), que era um tipo de caudilho militar. Depois, com Getúlio, esta tendência se tornou um axioma da história política brasileira. O populismo é o movimento que converge sempre em torno de uma figura carismática e termina sempre em ditadura quando esta pessoa domina. E o caso de hoje, é o caso do Brizola. Não é mais o caso do Jânio porque já está idoso. Mas é o caso do Brasil."

Parlamentarismo

Ele diz que está convencido de que o único caminho para o País chegar a uma democracia estável é a adoção, no texto da próxima Constituição, do regime parlamentarista. Mas não o parlamentarismo clássico. Afonso Arinos chama o seu projeto de parlamentarismo dualista e o explica.

O presidente da República seria eleito pelo voto direto e teria poderes fortes. O presidente indicaria o primeiro-ministro, que indicaria o Ministério, mas que teria de ter maioria no Congresso. Caso não tenha, o Congresso indicaria o primeiro-ministro com maioria parlamentar suficiente para governar. No seu projeto não cabe a dissolução do Congresso. Em casos de impasses ("eleições no Brasil são sempre um trauma"), ele prevê que, enquanto o Congresso se movimenta em busca de uma aliança que respalde a indicação majoritária de um primeiro-ministro, o presidente legisla por decretos-leis. Ele acha que desta maneira o Congresso será rápido na indicação do escolhido.

As linhas gerais do seu projeto ele as buscou nas constituições europeias, principalmente nas francesa e alemã. Mas as designações, ele gostaria que fossem pinceladas da tradição política brasileira. Assim, ele imagina que o Ministério deva ser chamado de Conselho e o primeiro-ministro de presidente do Conselho (como no Império) e os decretos-leis com que o presidente poderá exercer a habilitação para legislar, de Ordenações —como no Brasil Colônia.

mão a todos os Estados, mas principalmente ao Rio, para que este programa educacional tenha êxito".

Sarney e o governador do Rio, Leonel Brizola, chegaram juntos à escola —em funcionamento desde setembro— num helicóptero da Força Aérea Brasileira (FAB) e o governador foi aplaudido aos gritos de "Viva o futuro presidente da República". Em seguida, os dois

foram cercados por quarenta soldados da Polícia Militar e agentes da Polícia Federal, que não permitiram a aproximação dos repórteres. No pátio, o Presidente e o governador foram saudados por uma das alunas, escutaram o hino da escola e ouviram o vice-governador Darcy Ribeiro discursar sobre Gustavo Capanema, ao lado da viúva do ex-ministro da Educação do governo Getúlio Vargas, Maria Capanema.



O jurista Afonso Arinos de Melo Franco, presidente da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais —encarregada pelo governo de fazer um anteprojeto de Constituição para ser discutido no Congresso constituinte a ser eleito

em 86—, disse ontem no Rio que considera a tese do PDT e PT, que defendem diretas em 86 para presidente, inviável: "Eles querem diretas-já mas sabem que não é viável".

Com a ressalva de que "um professor fala em tese, na generalidade, e partido quer dizer particularidade", Arinos disse ainda que os dois partidos não obtiveram mais de dez por cento dos votos nas eleições municipais "o que inviabiliza uma grande mobilização de massa em favor da tese".

Arinos fez estas declarações ao deixar a Fundação Casa de Ruy Barbosa, no Rio, onde estava sendo realizada uma exposição sobre sua vida em homenagem aos oitenta anos que completa hoje. A exposição foi aberta pelo presidente José Sarney que não quis falar sobre política, limitando-se a elogiar o homenageado.

Arinos voltou a dizer que a tendência da comissão que preside é a de assumir a defesa do sistema parlamentarista de governo. E disse considerar necessária uma reordenação partidária antes que o Congresso Constituinte seja eleito.

Solenidade

A solenidade de abertura da exposição foi rápida: na presença de Sarney —acompanhado de sua mulher, Marli, do governador José Aparecido de Oliveira e do senador Luiz Viana— e de cerca de cinquenta pessoas, o professor Francisco de Assis Barbosa, organizador da homenagem, fez o único discurso. Em seguida, os presentes visitaram a exposição, que inclui quadros, fotos, livros, poemas, condecorações, diplomas e homenagens ao jurista, e lembranças dos antepassados, também famosos —o pai, Afrânio de Melo Franco e o irmão do trisavô materno, Francisco de Melo Franco (médico da rainha da Maria e da Imperatriz da Leopoldina).

Comitê paulista quer governo intermediário

Da Reportagem Local

A maioria dos membros da seccional de São Paulo da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais —convocada em setembro para elaborar um esboço de anteprojeto de Constituição como subsídio ao trabalho da Assembleia Legislativa— é favorável à adoção de uma forma de governo intermediária entre o presidencialismo e o parlamentarismo. Embora entre os paulistas não haja consenso sobre a necessidade de existência de um primeiro-ministro, é certo que todos concordam com a necessidade de fortalecimento do Parlamento, através do aumento de seu poder de controle sobre o Executivo.

A posição dos paulistas é semelhante à que predomina entre os membros da seccional do Rio de Janeiro. Anteriormente, no Rio, a seccional reuniu-se para discutir um documento apresentado por quatro de seus integrantes que propõe a adoção de um regime "presidencialista congressual", onde o presidente da República divide poderes com um governo de gabinete comandado por um primeiro-ministro. Mas este seria indicado pelo próprio presidente, com a aprovação do Congresso.

A seccional de São Paulo se reunirá amanhã, às 14h30, para proceder a um exame final dos temas que vem debatendo e também para apreciar a proposta de regimento da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, elaborada pelo jurista Miguel Reale Júnior. Este encontro será o último, em São Paulo, antes da reunião plenária de todas as seccionais —além das de São Paulo e Rio existem também as de Brasília e Minas Gerais—, a realizar-se no Rio, dia 4 de dezembro.

5 SEM ACRÉSCIMO
ANTECIPE SUAS
COMPRAS DE NATAL
PRELUDE
ATÉ 30 de NOVEMBRO

VESTIBULAR 86

INSCRIÇÕES

de 11 de novembro/85 a 18 de janeiro/86.
Horário: de segunda a sexta, das 9:00 às 21:00 h.
Sábados das 9:00 às 12:00 h.
TAXA DE INSCRIÇÃO: Cr\$ 37,800
Arquitetura e Ed. Física: Cr\$ 49,500

LOCAL:
R. Anílio Ortiz Monteiro, 87 (Antiga Faculdade de Direito)
Taubaté ou nos principais cursos pré-vestibulares.

PROVAS

Dia 01 de fevereiro 14:00 h. Dia 02 de fevereiro 9:00 h.
Provas Específicas: dia 03 de fevereiro
Arquitetura: 9:00 h.
Educação Física: Exame médico 9:00 h.
Prova prática 14:00 h.

Biológicas

- MEDICINA • ODONTOLOGIA
- ENFERMAGEM • OBSTETRICA • PSICOLOGIA
- CIÊNCIAS BIOLÓGICAS • EDUCAÇÃO FÍSICA

Exatas

- AGRONOMIA • ARQUITETURA E URBANISMO
- ENGENHARIA CIVIL • ENGENHARIA ELÉTRICA
- ENGENHARIA MECÂNICA • FÍSICA
- PROCESSAMENTO DE DADOS • MATEMÁTICA

Humanas

- ADMINISTRAÇÃO • CIÊNCIAS CONTÁBEIS
- SERVIÇO SOCIAL • DIREITO • ECONOMIA • HISTÓRIA
- LETRAS (PORTUGUÊS/INGLÊS OU PORTUGUÊS/LITERATURA)
- PEDAGOGIA • SECRETÁRIO EXECUTIVO
- COMUNICAÇÃO SOCIAL (JORNALISMO, PUBLICIDADE E PROPAGANDA OU RELAÇÕES PÚBLICAS)

UNITAU
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Fones: (0122) 332-0608/32-1434/32-7555

O outro lado da Intentona de 35

□ Ivan Pedro de Martins evoca aos 72 anos as causas e o fracasso do movimento armado de que participou

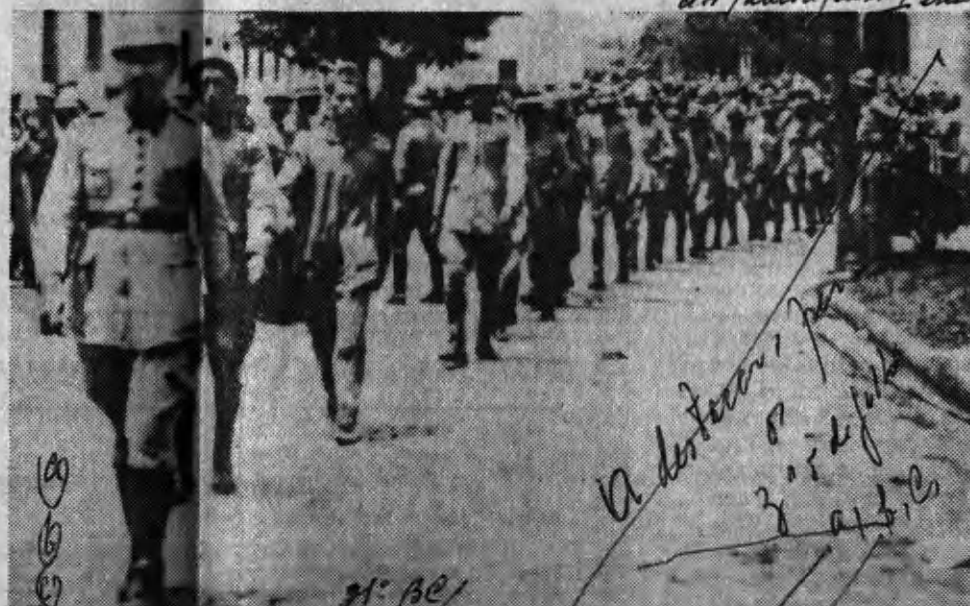
Em 500 páginas, primeiro dos cinco volumes de memorialística política, Ivan Pedro de Martins, 72, advogado, consultor de empresas e escritor, um dos 21 dirigentes nacionais da Aliança Nacional Libertadora, embrenha-se no movimento armado de 1935 e entrega à Editora Nova Fronteira os originais de A Flecha e o alvo — O outro lado da Intentona. Narrado na primeira pessoa, o livro vai dar conta da importância cultural e histórica da Aliança num terreno em que, segundo o autor, há precariedade de informações. Morando hoje em Cascais, Portugal, depois de



Ivan Pedro de Martins

Aguinaldo Ramos

ter sido assessor de imprensa na embaixada de Londres no período de Roberto Campos ("há mais de 40 anos temos divergências políticas mas também uma grande amizade"), Ivan Pedro de Martins, ex-comunista (deixou o PCB em 1949), espera o dia em que as comemorações de 35 cederão lugar à construção da nacionalidade sem rancor, ódios e falsidades históricas. Entre os mais atingidos em sua avaliação da década de 30 está Getúlio Vargas, "um homem que negava valores políticos e morais em busca apenas do poder".



Soldados e praças do 3º RI, de Natal, onde começou a Intentona de 35, desfilam desarmados, depois que tudo acabou

Opiniões de Ivan Pedro

□ Sobre Luiz Carlos Prestes: "Com todas as suas carências eventuais e esquematismo, ainda hoje considero que, na história do século XX, não houve ninguém mais importante moral e historicamente do que Prestes, independentemente dos erros políticos que cometeu e continua a cometer. Há nele uma base cultural que, ainda que distorcida, não encontro em nenhum líder brasileiro. Este homem é das coisas mais importantes que o Brasil produziu no século XX."

□ Sobre Antonio Maciel Bonfim (o Miranda): "Era um ser inferior. Realmente uma das pessoas mais desprezíveis que eu conheci. Não gostaria de usar este termo, mas devo usá-lo, pelo que foi a minha convivência política com ele. E não falo pelo que se soube depois dele (é apontado por alguns como a pessoa que enviava relatórios fantasiosos a Moscou quando secretário-geral do PCB, e traidor), mas ele tinha uma mistura de ignorância, irresponsabilidade e uma capacidade de talento demagógico dentro do próprio partido."

□ Sobre Harry Berger (ex-deputado alemão, que chegou ao Brasil com a mulher Elise): "Uma das cabeças mais bonitas que já conheci."

□ Sobre Getúlio Vargas: "Eu diria que o homem que está sendo mitificado — embora uma só pessoa não possa receber a culpa histórica — foi o cume de todo um período de negação da ideologia, de negação dos princípios morais e políticos e para quem o poder foi a única ambição na vida. Quando se lê hoje o discurso dele após o movimento de 35, fazendo o elogio do fascismo e a espinafração da democracia, a gente vê que este homem depois foi se transformar num defensor da democracia apenas pelo desejo de poder, na segunda fase de seu governo. Ele, Vicente Rao e Fillinto Müller foram os que representaram aquilo que havia de mais odioso, foram os que trouxeram para o Brasil especialistas em tortura dos três países que a praticavam sistematicamente — Alemanha, Itália e Japão. Todas estas pessoas — mais aqueles dois homens que são o coronel Miranda Correa e Serafim Braga — são odiosas em termos de visão histórica, apesar de que alguns eram ratos e outros gatos."

□ Sobre o livro Olga, de Fernando Moraes: "O livro não entra em conflito com a minha visão de 35; é uma fração de um todo importantíssima, pelo papel que teve na mobilização das mulheres no Brasil, pelo menos uma fração de mulheres conscientes para salvar Olga Benário. Olga centralizou sua ação num personagem sacrificado; eu procuro dar um conjunto do que aconteceu."

Beatriz Bomfim

CONTAR a respeito deste livro é, principalmente, explicar-me. Eu escrevi o livro na primeira pessoa, pela primeira vez na vida, e comecei tudo há 15 anos. Foi em virtude do ceder aos pedidos dos meus companheiros de direção da Aliança Nacional Libertadora, para que eu desse o depoimento a respeito do movimento e da chamada Intentona Comunista de 1935.

Como um jovem de 20 anos, eu fui um dos 21 dirigentes nacionais da ANL. Desses 21, 19 já morreram. Lá se foram Cascardo, Amorety Osório, Sisson, Campos da Paz, Costa Leite e tantos outros. Ficaram vivos Francisco Mangabeira e eu. E acontece que os depoimentos ou pequenos trabalhos feitos para desenterrar a realidade histórica daquele momento não deram, até hoje, uma visão dos que estavam dentro do movimento.

Tudo se encaixava na visão geral que tínhamos do mundo. Estávamos em contato com o comitê internacional pela defesa da paz e luta contra o fascismo, sediado em Paris. Na vida subterrânea, na exposição das esperanças, dos jovens e dos não jovens, nas nossas conversas com Ghioldi (Rodolfo Ghioldi, argentino, da Internacional), com Berger (Harry Berger, codinome do ex-deputado alemão Arthur Ernest Ewert, outro que veio para o Brasil antes do movimento), sobre o futuro do mundo onde a ameaça fascista e nazista cresciam, pensávamos: este flanco, se se tornar vitorioso no Brasil, arrastará toda a América Latina e criará condições para uma contra-ofensiva antifascista em escala mundial. Nós não sonhávamos apenas em fazer do Brasil um país democrático-revolucionário.

rio. Nós sonhávamos com uma confederação de repúblicas democráticas-revolucionárias, num caminho que impediria o fascismo e a guerra.

Mas nós confundíamos aquele entusiasmo que é o desespero de quem nunca vira diante de seus olhos a multidão que nos acompanhava Brasil a fora, com a realidade orgânica que é a preparação da revolução, inexistente. Como ficou comprovado, transformando-se o movimento de 35 em pouco mais de uma quartelada, sem que uma única greve fosse desencadeada de apoio. Em compensação, o movimento armado de 35 revelou aspectos heróicos e de uma beleza moral notável dos que dele participaram, e de coragem também, por que não dizer, dos que estavam do outro lado. Porque uma das coisas que o livro tem em sua introdução é a seguinte: a Inglaterra monárquica tem por toda parte estátuas de Cromwell, o republicano que cortou cabeças de reis; a França republicana tem estátuas de seus imperadores e de seus reis, que fazem parte da organização política de sua história. Não teria passado tempo suficiente para que as duas partes que se digladiaram em 35 percebessem o que houve de grandeza nos dois lados? Não é chegada a hora — esta é a plataforma do livro — de enterrar comemorações indignas como as que são realizadas todos os anos, num culto de ódio ao invés de se cultivar o que houve de heróico para efeito da construção da nacionalidade?

O livro faz um relato minucioso e crítico mostrando onde erramos, onde fomos ingênuos e onde nunca agimos de má-fé. O movimento de 35 é o resultado de uma série de coisas como, por exemplo, o congresso antiguerreiro de 1934, realizado no Teatro João Caetano. E de outros movimentos, como o congresso da juventude, que teve suas sedes provisórias sistemati-

camente destruídas pela polícia. Finalmente, da ação dos homens que vieram da revolução de 30, os restantes de 32 que não caíram no fascismo e todos os que queriam colocar um ponto final no latifúndio, na dominação imperialista, na ignorância, na fome e na miséria. Tudo isto mobilizou e o Partido Comunista foi um dos elementos que organizou a ação. Daí a achar que a ANL era um reduto de comunistas, é impreciso. Basta ver os homens que estavam à sua frente: um Cascardo, homem de centro, Osório, à esquerda, Sisson, de esquerda. Entre 21 pessoas, apenas três ou quatro eram do partido. Eu faço questão de mostrar isto para que se entenda que a Aliança começou como uma frente única democrático-revolucionária, tentando tirar o país do buraco. Não era apenas um instrumento do partido, nem estava a serviço de Moscou. Claro que sofreu a influência de todos, do partido e dos que, sem serem comunistas, tinham pouquíssima experiência de organização em escala nacional.

É importante dizer que estávamos tentando preparar a luta armada sem data fixada, eventualmente entre 15 de dezembro e 15 de janeiro e existem documentos hoje que parecem atestar o envio de agentes provocadores da polícia ao norte, com a finalidade de desencadear o movimento. Nós fomos tomados de surpresa na reunião em que estávamos quando chegou um estafeta. Discutíamos sobre o programa da Aliança, os debates haviam sido extremamente profundos. Mas havia um aventurelismo dentro do partido que confundia desejo com realidade.

E, voltando ao que dissera antes, estávamos reunidos para decidir sobre um movimento armado em um pleno ampliado do partido comunista quando chegou um estafeta. Foi um corre-corre grotesco para

saber quem ia fazer o que e como, que não daria em nada. Assisti a tudo do rádio, na casa do Aporelli (Barão de Itararé), para onde havia sido mandado pelo partido. Em caso de vitória, aludíamos a mobilização popular.

Mas tudo resultou em inocuidade. Houve o desencadeamento da luta em Natal, as consequências no Rio, a derrota em cinco dias de tudo que poderia ter sido diferente se, pelo menos, tivéssemos conseguido nos articular militarmente para uma ação pouco mais adiante. Parece-me que o movimento de 35 foi, entre outras coisas, o resultado da militarização da vida política, herança dos nossos homens militares desde os movimentos de 22, 24, 26, 30 e 32. Esqueceram-se, sempre, do conteúdo sociológico, da mobilização necessária para dar embasamento a uma luta armada. Então 35 foi a repetição final e trágica de uma trajetória já derrotada desde 22. Derrotada em 22, em 24, apesar do heroísmo da Coluna Prestes, derrotado o movimento no Rio em 26; 30, já foi o contrário — houve embasamento do movimento armado para que ele tivesse conteúdo e foi o que foi; 32 foi mais uma tentativa, uma volta, mas pelo menos mais limpa, à democracia pré-30 do que pós-30. E 35 foi a soma das desilusões dos militares que, durante todo este período, foram derrotados e ainda tentaram, idealisticamente, salvar o Brasil.

Isso é o que eu penso e está no livro. O que não implica negar o que houve de grandeza durante todo este curto trajeto de menos de quatro meses que vai de 23 de março de 1935 a 11 de julho, quando a ANL foi fechada. Uma visão crítica e por vezes impiedosa certamente causará polémica, afetará pessoas e grupos. Que o meu julgamento do movimento de 35 seja o único correto, seria estupidez e pretensão. Mas foi o que os meus olhos viram.

(2) Para reflexões / (1) Editor / (3) O papel da ANL / (4) O papel da ANL / (5) O papel da ANL / (6) A preparação do movimento / (7) A preparação do movimento / (8) A preparação do movimento / (9) A preparação do movimento / (10) A preparação do movimento / (11) A preparação do movimento / (12) A preparação do movimento / (13) A preparação do movimento / (14) A preparação do movimento / (15) A preparação do movimento / (16) A preparação do movimento / (17) A preparação do movimento / (18) A preparação do movimento / (19) A preparação do movimento / (20) A preparação do movimento / (21) A preparação do movimento / (22) A preparação do movimento / (23) A preparação do movimento / (24) A preparação do movimento / (25) A preparação do movimento / (26) A preparação do movimento / (27) A preparação do movimento / (28) A preparação do movimento / (29) A preparação do movimento / (30) A preparação do movimento / (31) A preparação do movimento / (32) A preparação do movimento / (33) A preparação do movimento / (34) A preparação do movimento / (35) A preparação do movimento / (36) A preparação do movimento / (37) A preparação do movimento / (38) A preparação do movimento / (39) A preparação do movimento / (40) A preparação do movimento / (41) A preparação do movimento / (42) A preparação do movimento / (43) A preparação do movimento / (44) A preparação do movimento / (45) A preparação do movimento / (46) A preparação do movimento / (47) A preparação do movimento / (48) A preparação do movimento / (49) A preparação do movimento / (50) A preparação do movimento / (51) A preparação do movimento / (52) A preparação do movimento / (53) A preparação do movimento / (54) A preparação do movimento / (55) A preparação do movimento / (56) A preparação do movimento / (57) A preparação do movimento / (58) A preparação do movimento / (59) A preparação do movimento / (60) A preparação do movimento / (61) A preparação do movimento / (62) A preparação do movimento / (63) A preparação do movimento / (64) A preparação do movimento / (65) A preparação do movimento / (66) A preparação do movimento / (67) A preparação do movimento / (68) A preparação do movimento / (69) A preparação do movimento / (70) A preparação do movimento / (71) A preparação do movimento / (72) A preparação do movimento / (73) A preparação do movimento / (74) A preparação do movimento / (75) A preparação do movimento / (76) A preparação do movimento / (77) A preparação do movimento / (78) A preparação do movimento / (79) A preparação do movimento / (80) A preparação do movimento / (81) A preparação do movimento / (82) A preparação do movimento / (83) A preparação do movimento / (84) A preparação do movimento / (85) A preparação do movimento / (86) A preparação do movimento / (87) A preparação do movimento / (88) A preparação do movimento / (89) A preparação do movimento / (90) A preparação do movimento / (91) A preparação do movimento / (92) A preparação do movimento / (93) A preparação do movimento / (94) A preparação do movimento / (95) A preparação do movimento / (96) A preparação do movimento / (97) A preparação do movimento / (98) A preparação do movimento / (99) A preparação do movimento / (100) A preparação do movimento / (101) A preparação do movimento / (102) A preparação do movimento / (103) A preparação do movimento / (104) A preparação do movimento / (105) A preparação do movimento / (106) A preparação do movimento / (107) A preparação do movimento / (108) A preparação do movimento / (109) A preparação do movimento / (110) A preparação do movimento / (111) A preparação do movimento / (112) A preparação do movimento / (113) A preparação do movimento / (114) A preparação do movimento / (115) A preparação do movimento / (116) A preparação do movimento / (117) A preparação do movimento / (118) A preparação do movimento / (119) A preparação do movimento / (120) A preparação do movimento / (121) A preparação do movimento / (122) A preparação do movimento / (123) A preparação do movimento / (124) A preparação do movimento / (125) A preparação do movimento / (126) A preparação do movimento / (127) A preparação do movimento / (128) A preparação do movimento / (129) A preparação do movimento / (130) A preparação do movimento / (131) A preparação do movimento / (132) A preparação do movimento / (133) A preparação do movimento / (134) A preparação do movimento / (135) A preparação do movimento / (136) A preparação do movimento / (137) A preparação do movimento / (138) A preparação do movimento / (139) A preparação do movimento / (140) A preparação do movimento / (141) A preparação do movimento / (142) A preparação do movimento / (143) A preparação do movimento / (144) A preparação do movimento / (145) A preparação do movimento / (146) A preparação do movimento / (147) A preparação do movimento / (148) A preparação do movimento / (149) A preparação do movimento / (150) A preparação do movimento / (151) A preparação do movimento / (152) A preparação do movimento / (153) A preparação do movimento / (154) A preparação do movimento / (155) A preparação do movimento / (156) A preparação do movimento / (157) A preparação do movimento / (158) A preparação do movimento / (159) A preparação do movimento / (160) A preparação do movimento / (161) A preparação do movimento / (162) A preparação do movimento / (163) A preparação do movimento / (164) A preparação do movimento / (165) A preparação do movimento / (166) A preparação do movimento / (167) A preparação do movimento / (168) A preparação do movimento / (169) A preparação do movimento / (170) A preparação do movimento / (171) A preparação do movimento / (172) A preparação do movimento / (173) A preparação do movimento / (174) A preparação do movimento / (175) A preparação do movimento / (176) A preparação do movimento / (177) A preparação do movimento / (178) A preparação do movimento / (179) A preparação do movimento / (180) A preparação do movimento / (181) A preparação do movimento / (182) A preparação do movimento / (183) A preparação do movimento / (184) A preparação do movimento / (185) A preparação do movimento / (186) A preparação do movimento / (187) A preparação do movimento / (188) A preparação do movimento / (189) A preparação do movimento / (190) A preparação do movimento / (191) A preparação do movimento / (192) A preparação do movimento / (193) A preparação do movimento / (194) A preparação do movimento / (195) A preparação do movimento / (196) A preparação do movimento / (197) A preparação do movimento / (198) A preparação do movimento / (199) A preparação do movimento / (200) A preparação do movimento / (201) A preparação do movimento / (202) A preparação do movimento / (203) A preparação do movimento / (204) A preparação do movimento / (205) A preparação do movimento / (206) A preparação do movimento / (207) A preparação do movimento / (208) A preparação do movimento / (209) A preparação do movimento / (210) A preparação do movimento / (211) A preparação do movimento / (212) A preparação do movimento / (213) A preparação do movimento / (214) A preparação do movimento / (215) A preparação do movimento / (216) A preparação do movimento / (217) A preparação do movimento / (218) A preparação do movimento / (219) A preparação do movimento / (220) A preparação do movimento / (221) A preparação do movimento / (222) A preparação do movimento / (223) A preparação do movimento / (224) A preparação do movimento / (225) A preparação do movimento / (226) A preparação do movimento / (227) A preparação do movimento / (228) A preparação do movimento / (229) A preparação do movimento / (230) A preparação do movimento / (231) A preparação do movimento / (232) A preparação do movimento / (233) A preparação do movimento / (234) A preparação do movimento / (235) A preparação do movimento / (236) A preparação do movimento / (237) A preparação do movimento / (238) A preparação do movimento / (239) A preparação do movimento / (240) A preparação do movimento / (241) A preparação do movimento / (242) A preparação do movimento / (243) A preparação do movimento / (244) A preparação do movimento / (245) A preparação do movimento / (246) A preparação do movimento / (247) A preparação do movimento / (248) A preparação do movimento / (249) A preparação do movimento / (250) A preparação do movimento / (251) A preparação do movimento / (252) A preparação do movimento / (253) A preparação do movimento / (254) A preparação do movimento / (255) A preparação do movimento / (256) A preparação do movimento / (257) A preparação do movimento / (258) A preparação do movimento / (259) A preparação do movimento / (260) A preparação do movimento / (261) A preparação do movimento / (262) A preparação do movimento / (263) A preparação do movimento / (264) A preparação do movimento / (265) A preparação do movimento / (266) A preparação do movimento / (267) A preparação do movimento / (268) A preparação do movimento / (269) A preparação do movimento / (270) A preparação do movimento / (271) A preparação do movimento / (272) A preparação do movimento / (273) A preparação do movimento / (274) A preparação do movimento / (275) A preparação do movimento / (276) A preparação do movimento / (277) A preparação do movimento / (278) A preparação do movimento / (279) A preparação do movimento / (280) A preparação do movimento / (281) A preparação do movimento / (282) A preparação do movimento / (283) A preparação do movimento / (284) A preparação do movimento / (285) A preparação do movimento / (286) A preparação do movimento / (287) A preparação do movimento / (288) A preparação do movimento / (289) A preparação do movimento / (290) A preparação do movimento / (291) A preparação do movimento / (292) A preparação do movimento / (293) A preparação do movimento / (294) A preparação do movimento / (295) A preparação do movimento / (296) A preparação do movimento / (297) A preparação do movimento / (298) A preparação do movimento / (299) A preparação do movimento / (300) A preparação do movimento / (301) A preparação do movimento / (302) A preparação do movimento / (303) A preparação do movimento / (304) A preparação do movimento / (305) A preparação do movimento / (306) A preparação do movimento / (307) A preparação do movimento / (308) A preparação do movimento / (309) A preparação do movimento / (310) A preparação do movimento / (311) A preparação do movimento / (312) A preparação do movimento / (313) A preparação do movimento / (314) A preparação do movimento / (315) A preparação do movimento / (316) A preparação do movimento / (317) A preparação do movimento / (318) A preparação do movimento / (319) A preparação do movimento / (320) A preparação do movimento / (321) A preparação do movimento / (322) A preparação do movimento / (323) A preparação do movimento / (324) A preparação do movimento / (325) A preparação do movimento / (326) A preparação do movimento / (327) A preparação do movimento / (328) A preparação do movimento / (329) A preparação do movimento / (330) A preparação do movimento / (331) A preparação do movimento / (332) A preparação do movimento / (333) A preparação do movimento / (334) A preparação do movimento / (335) A preparação do movimento / (336) A preparação do movimento / (337) A preparação do movimento / (338) A preparação do movimento / (339) A preparação do movimento / (340) A preparação do movimento / (341) A preparação do movimento / (342) A preparação do movimento / (343) A preparação do movimento / (344) A preparação do movimento / (345) A preparação do movimento / (346) A preparação do movimento / (347) A preparação do movimento / (348) A preparação do movimento / (349) A preparação do movimento / (350) A preparação do movimento / (351) A preparação do movimento / (352) A preparação do movimento / (353) A preparação do movimento / (354) A preparação do movimento / (355) A preparação do movimento / (356) A preparação do movimento / (357) A preparação do movimento / (358) A preparação do movimento / (359) A preparação do movimento / (360) A preparação do movimento / (361) A preparação do movimento / (362) A preparação do movimento / (363) A preparação do movimento / (364) A preparação do movimento / (365) A preparação do movimento / (366) A preparação do movimento / (367) A preparação do movimento / (368) A preparação do movimento / (369) A preparação do movimento / (370) A preparação do movimento / (371) A preparação do movimento / (372) A preparação do movimento / (373) A preparação do movimento / (374) A preparação do movimento / (375) A preparação do movimento / (376) A preparação do movimento / (377) A preparação do movimento / (378) A preparação do movimento / (379) A preparação do movimento / (380) A preparação do movimento / (381) A preparação do movimento / (382) A preparação do movimento / (383) A preparação do movimento / (384) A preparação do movimento / (385) A preparação do movimento / (386) A preparação do movimento / (387) A preparação do movimento / (388) A preparação do movimento / (389) A preparação do movimento / (390) A preparação do movimento / (391) A preparação do movimento / (392) A preparação do movimento / (393) A preparação do movimento / (394) A preparação do movimento / (395) A preparação do movimento / (396) A preparação do movimento / (397) A preparação do movimento / (398) A preparação do movimento / (399) A preparação do movimento / (400) A preparação do movimento / (401) A preparação do movimento / (402) A preparação do movimento / (403) A preparação do movimento / (404) A preparação do movimento / (405) A preparação do movimento / (406) A preparação do movimento / (407) A preparação do movimento / (408) A preparação do movimento / (409) A preparação do movimento / (410) A preparação do movimento / (411) A preparação do movimento / (412) A preparação do movimento / (413) A preparação do movimento / (414) A preparação do movimento / (415) A preparação do movimento / (416) A preparação do movimento / (417) A preparação do movimento / (418) A preparação do movimento / (419) A preparação do movimento / (420) A preparação do movimento / (421) A preparação do movimento / (422) A preparação do movimento / (423) A preparação do movimento / (424) A preparação do movimento / (425) A preparação do movimento / (426) A preparação do movimento / (427) A preparação do movimento / (428) A preparação do movimento / (429) A preparação do movimento / (430) A preparação do movimento / (431) A preparação do movimento / (432) A preparação do movimento / (433) A preparação do movimento / (434) A preparação do movimento / (435) A preparação do movimento / (436) A preparação do movimento / (437) A preparação do movimento / (438) A preparação do movimento / (439) A preparação do movimento / (440) A preparação do movimento / (441) A preparação do movimento / (442) A preparação do movimento / (443) A preparação do movimento / (444) A preparação do movimento / (445) A preparação do movimento / (446) A preparação do movimento / (447) A preparação do movimento / (448) A preparação do movimento / (449) A preparação do movimento / (450) A preparação do movimento / (451) A preparação do movimento / (452) A preparação do movimento / (453) A preparação do movimento / (454) A preparação do movimento / (455) A preparação do movimento / (456) A preparação do movimento / (457) A preparação do movimento / (458) A preparação do movimento / (459) A preparação do movimento / (460) A preparação do movimento / (461) A preparação do movimento / (462) A preparação do movimento / (463) A preparação do movimento / (464) A preparação do movimento / (465) A preparação do movimento / (466) A preparação do movimento / (467) A preparação do movimento / (468) A preparação do movimento / (469) A preparação do movimento / (470) A preparação do movimento / (471) A preparação do movimento / (472) A preparação do movimento / (473) A preparação do movimento / (474) A preparação do movimento / (475) A preparação do movimento / (476) A preparação do movimento / (477) A preparação do movimento / (478) A preparação do movimento / (479) A preparação do movimento / (480) A preparação do movimento / (481) A preparação do movimento / (482) A preparação do movimento / (483) A preparação do movimento / (484) A preparação do movimento / (485) A preparação do movimento / (486) A preparação do movimento / (487) A preparação do movimento / (488) A preparação do movimento / (489) A preparação do movimento / (490) A preparação do movimento / (491) A preparação do movimento / (492) A preparação do movimento / (493) A preparação do movimento / (494) A preparação do movimento / (495) A preparação do movimento / (496) A preparação do movimento / (497) A preparação do movimento / (498) A preparação do movimento / (499) A preparação do movimento / (500) A preparação do movimento / (501) A preparação do movimento / (502) A preparação do movimento / (503) A preparação do movimento / (504) A preparação do movimento / (505) A preparação do movimento / (506) A preparação do movimento / (507) A preparação do movimento / (508) A preparação do movimento / (509) A preparação do movimento / (510) A preparação do movimento / (511) A preparação do movimento / (512) A preparação do movimento / (513) A preparação do movimento / (514) A preparação do movimento / (515) A preparação do movimento / (516) A preparação do movimento / (517) A preparação do movimento / (518) A preparação do movimento / (519) A preparação do movimento / (520) A preparação do movimento / (521) A preparação do movimento / (522) A preparação do movimento / (523) A preparação do movimento / (524) A preparação do movimento / (525) A preparação do movimento / (526) A preparação do movimento / (527) A preparação do movimento / (528) A preparação do movimento / (529) A preparação do movimento / (530) A preparação do movimento / (531) A preparação do movimento / (532) A preparação do movimento / (533) A preparação do movimento / (534) A preparação do movimento / (535) A preparação do movimento / (536) A preparação do movimento / (537) A preparação do movimento / (538) A preparação do movimento / (539) A preparação do movimento / (540) A preparação do movimento / (541) A preparação do movimento / (542) A preparação do movimento / (543) A preparação do movimento / (544) A preparação do movimento / (545) A preparação do movimento / (546) A preparação do movimento / (547) A preparação do movimento / (548) A preparação do movimento / (549) A preparação do movimento / (550) A preparação do movimento / (551) A preparação do movimento / (552) A preparação do movimento / (553) A preparação do movimento / (554) A preparação do movimento / (555) A preparação do movimento / (556) A preparação do movimento / (557) A preparação do movimento / (558) A preparação do movimento / (559) A preparação do movimento / (560) A preparação do movimento / (561) A preparação do movimento / (562) A preparação do movimento / (563) A preparação do movimento / (564) A preparação do movimento / (565) A preparação do movimento / (566) A preparação do movimento / (567) A preparação do movimento / (568) A preparação do movimento / (569) A preparação do movimento / (570) A preparação do movimento / (571) A preparação do movimento / (572) A preparação do movimento / (573) A preparação do movimento / (574) A preparação do movimento / (575) A preparação do movimento / (576) A preparação do movimento / (577) A preparação do movimento / (578) A preparação do movimento / (579) A preparação do movimento / (580) A preparação do movimento / (581) A preparação do movimento / (582) A preparação do movimento / (583) A preparação do movimento / (584) A preparação do movimento / (585) A preparação do movimento / (586) A preparação do movimento / (587) A preparação do movimento / (588) A preparação do movimento / (589) A preparação do movimento / (590) A preparação do movimento / (591) A preparação do movimento / (592) A preparação do movimento / (593) A preparação do movimento / (594) A preparação do movimento / (595) A preparação do movimento / (596) A preparação do movimento / (597) A preparação do movimento / (598) A preparação do movimento / (599) A preparação do movimento / (600) A preparação do movimento / (601) A preparação do movimento / (602) A preparação do movimento / (603) A preparação do movimento / (604) A preparação do movimento / (605) A preparação do movimento / (606) A preparação do movimento / (607) A preparação do movimento / (608) A preparação do movimento / (609) A preparação do movimento / (610) A preparação do movimento / (611) A preparação do movimento / (612) A preparação do movimento / (613) A preparação do movimento / (614) A preparação do movimento / (615) A preparação do movimento / (616) A preparação do movimento / (617) A preparação do movimento / (618) A preparação do movimento / (619) A preparação do movimento / (620) A preparação do movimento / (621) A preparação do movimento / (622) A preparação do movimento / (623) A preparação do movimento / (624) A preparação do movimento / (625) A preparação do movimento / (626) A preparação do movimento / (627) A preparação do movimento / (628) A preparação do movimento / (629) A preparação do movimento / (630) A preparação do movimento / (631) A preparação do movimento / (632) A preparação do movimento / (633) A preparação do movimento / (634) A preparação do movimento / (635) A preparação do movimento / (636) A preparação do movimento / (637) A preparação do movimento / (638) A preparação do movimento / (639) A preparação do movimento / (640) A preparação do movimento / (641) A preparação do movimento / (642) A preparação do movimento / (643) A preparação do movimento / (644) A preparação do movimento / (645) A preparação do movimento / (646) A preparação do movimento / (647) A preparação do movimento / (648) A preparação do movimento / (649) A preparação do movimento / (650) A preparação do movimento / (651) A preparação do movimento / (652) A preparação do movimento / (653) A preparação do movimento / (654) A preparação do movimento / (655) A preparação do movimento / (656) A preparação do movimento / (657) A preparação do movimento / (658) A preparação do movimento / (659) A preparação do movimento / (660) A preparação do movimento / (661) A preparação do movimento / (662) A preparação do movimento / (663) A preparação do movimento / (664) A preparação do movimento / (665) A preparação do movimento / (666) A preparação do movimento / (667) A preparação do movimento / (668) A preparação do movimento / (669) A preparação do movimento / (670) A preparação do movimento / (671) A preparação do movimento / (672) A preparação do movimento / (673) A preparação do movimento / (674) A preparação do movimento / (675) A preparação do movimento / (676) A preparação do movimento / (677) A preparação do movimento / (678) A preparação do movimento / (679) A preparação do movimento / (680) A preparação do movimento / (681) A preparação do movimento / (682) A preparação do movimento / (683) A preparação do movimento / (684) A preparação do movimento / (685) A preparação do movimento / (686) A preparação do movimento / (687) A preparação do movimento / (688) A preparação do movimento / (689) A preparação do movimento / (690) A preparação do movimento / (691) A preparação do movimento / (692) A preparação do movimento / (693) A preparação do movimento / (694) A preparação do movimento / (695) A preparação do movimento / (696) A preparação do movimento / (697) A preparação do movimento / (698) A preparação do movimento / (699) A preparação do movimento / (700) A preparação do movimento / (701) A preparação do movimento / (702) A preparação do movimento / (703) A preparação do movimento / (704) A preparação do movimento / (705) A preparação do movimento / (706) A preparação do movimento / (707) A preparação do movimento / (708) A preparação do movimento / (709) A preparação do movimento / (710) A preparação do movimento / (711) A preparação do movimento / (712) A preparação do movimento / (713) A preparação do movimento / (714) A preparação do movimento / (715) A preparação do movimento / (716) A preparação do movimento / (717) A preparação do movimento / (718) A preparação do movimento / (719) A preparação do movimento / (720) A preparação do movimento / (721) A preparação do movimento / (722) A preparação do movimento / (723) A preparação do movimento / (724) A preparação do movimento / (725) A preparação do movimento / (726) A preparação do movimento / (727) A preparação do movimento / (728) A preparação do movimento / (729) A preparação do movimento / (730) A preparação do movimento / (731) A preparação do movimento / (732) A preparação do movimento / (733) A preparação do movimento / (734) A preparação do movimento / (735) A preparação do movimento / (736) A preparação do movimento / (737) A preparação do movimento / (738) A preparação do movimento / (739) A preparação do movimento / (740) A preparação do movimento / (741) A preparação do movimento / (742) A preparação do movimento / (743) A preparação do movimento / (744) A preparação do movimento / (745) A preparação do movimento / (746) A preparação do movimento / (747) A preparação do movimento / (748) A preparação do movimento / (749) A preparação do movimento / (750) A preparação do movimento / (751) A preparação do movimento / (752) A preparação do movimento / (753) A preparação do movimento / (754) A preparação do movimento / (755) A preparação do movimento / (756) A preparação do movimento / (757) A preparação do movimento / (758) A preparação do movimento / (759) A preparação do movimento / (760) A preparação do movimento / (761) A preparação do movimento / (762) A preparação do movimento / (763) A preparação do movimento / (764) A preparação do movimento / (765) A preparação do movimento / (766) A preparação do movimento / (767) A preparação do movimento / (768) A preparação do movimento / (769) A preparação do movimento / (770) A preparação do movimento / (771) A preparação do movimento / (772) A preparação do movimento / (773) A preparação do movimento / (774) A preparação do movimento / (775) A preparação do movimento / (776) A preparação do movimento / (777) A preparação do movimento / (778) A preparação do movimento / (779) A preparação do movimento / (780) A preparação do movimento / (781) A preparação do movimento / (782) A preparação do movimento / (783) A preparação do movimento / (784) A preparação do movimento / (785) A preparação do movimento / (786) A preparação do movimento / (787) A preparação do movimento / (788) A preparação do movimento / (789) A preparação do movimento / (790) A preparação do movimento / (791) A preparação do movimento / (792) A preparação do movimento / (793) A preparação do movimento / (794) A preparação do movimento / (795) A preparação do movimento / (796) A preparação do movimento / (797) A preparação do movimento / (798) A preparação do movimento / (799) A preparação do movimento / (800) A preparação do movimento / (801) A preparação do movimento / (802) A preparação do movimento / (803) A preparação do movimento / (804) A preparação do movimento / (805) A preparação do movimento / (806) A preparação do movimento / (807) A preparação do movimento / (808) A preparação do movimento / (809) A preparação do movimento / (810) A preparação do movimento / (811) A preparação do movimento / (812) A preparação do movimento / (813) A preparação do movimento / (814) A preparação do movimento / (815) A preparação do movimento / (816) A preparação do movimento / (817) A preparação do movimento / (818) A preparação do movimento / (819) A preparação do movimento / (820) A preparação do movimento / (821) A preparação do movimento / (822) A preparação do movimento / (823) A preparação do movimento / (824) A preparação do movimento / (825) A preparação do movimento / (826) A preparação do movimento / (827) A preparação do movimento / (828) A preparação do movimento / (829) A preparação do movimento / (830) A preparação do movimento / (831) A preparação do movimento / (832) A preparação do movimento / (833) A preparação do movimento / (834) A preparação do movimento / (835) A preparação do movimento / (836) A preparação do movimento / (837) A preparação do movimento / (838) A preparação do movimento / (839) A preparação do movimento / (840) A preparação do movimento / (841) A preparação do movimento / (842) A preparação do movimento / (843) A preparação do movimento / (844) A preparação do movimento / (845) A preparação do movimento / (846) A preparação do movimento / (847) A preparação do movimento / (848) A preparação do movimento / (849) A preparação do movimento / (850) A preparação do movimento / (851) A preparação do movimento / (852) A preparação do movimento / (853) A preparação do movimento / (854) A preparação do movimento / (855) A preparação do movimento / (856) A preparação do movimento / (857) A preparação do movimento / (858) A preparação do movimento / (859) A preparação do movimento / (860) A preparação do movimento / (861) A preparação do movimento / (862) A preparação do movimento / (863) A preparação do movimento / (864) A preparação do movimento / (865) A preparação do movimento / (866) A preparação do movimento / (867) A preparação do movimento / (868) A preparação do movimento / (869) A preparação do movimento / (870) A preparação do movimento / (871) A preparação do movimento / (872) A preparação do movimento / (873) A preparação do movimento / (874) A preparação do movimento / (8

Um solitário adeus ao Comandante

(Continuação da primeira página)

O tenente Lamartine Coutinho estava assistindo um dia desses, em seu apartamento em Copacabana, à novela *Kananga do Japão*, da TV Manchete, ambientada na época da rebelião comunista de 1935, quando um personagem entrou no ar com a informação de que ele acabara de levantar o 29º Batalhão de Caçadores, em Socorro, na periferia de Recife. Em nenhum dos depoimentos que deu a historiadores sobre sua participação no episódio, o tenente Lamartine foi tão crítico quanto ontem, ao relembrar detalhes da deflagração do movimento, embalado pela emoção do sepultamento do líder Luís Carlos Prestes.

"Gostaria que houvesse uma reunião hoje com o comparecimento de Caetano Machado, um padreiro que chefiava o secretariado da revolução no Nordeste e que infelizmente já morreu, para dizer que ele era boçal e autoritário e foi a voz desgraçada que precipitou o movimento de 1935. A mim me parece que ele foi um agente provocador ao decidir que o movimento teria que começar no dia 24 de novembro", disse o tenente Lamartine.

Caetano, segundo ele, dominava o principal chefe militar da chamada Revolução Nacional Libertadora em Pernambuco, o capitão Silo Meireles, pelo simples fato de que estava em voga, no Partido Comunista, a preferência por operários nos postos de comando. "Um pequeno burguês intelectual era chamado de vacilante, cheio de ilusões democráticas. A palavra de um operário valia dez vezes mais."

De início, custou a acreditar que a revolução tinha sido marcada para um domingo, dia em que não havia gente no quartel. Acabara de sair da "Festa do rubi", no sábado à noite, no pátio da Faculdade de Direito de Recife, quando foi procurado por um emissário do comando revolucionário: "Ele me disse: 'Lamartine, você foi o escolhido para levantar amanhã

o 29º BC. Vai assumir o comando desse batalhão'. Eu perguntei: 'Tem muita gente lá, eu me ligo com quem?' 'Você procura o Besouchet (tenente Alberto Bomilcar Besouchet) e tem mais uns sargentos lá.' Eu levantei o batalhão, sem vaidade nenhuma, pelo meu prestígio pessoal lá dentro."

A revolta de Natal, primeiro foco da denominada Intentona, começara no dia 23. O tenente Lamartine conta que chegou bem cedo no dia 24 ao quartel e às 9 em ponto saltou do primeiro andar da 1ª Companhia de Fuzileiros e começou a prender oficiais, com ajuda de três ou quatro sargentos e cabos. Quando gritou a senha *Viva Prestes* para o capitão Everardo de Barros Vasconcelos, ele reagiu: "Viva coisa nenhuma". Saiam no tapa. Outro oficial, Frederico Mindelo Carneiro Monteiro, tentava o tempo todo encostar o revólver na cabeça de Lamartine, que usava Everardo como escudo e acabou rolando com ele numa ribanceira. Everardo conseguiu escapular para o pavilhão dos oficiais e de lá começou intenso tiroteio. Besouchet foi ferido na perna. Naquela hora, em vários pontos de Recife e Olinda haveria assaltos a delegacias e postos de polícia. O líder comunista Gregório Bezerra tentava tomar o CPOR e a sede da 7ª Região Militar.

O tenente Lamartine apossou-se de duas metralhadoras pesadas e com 20 homens embarcou num caminhão em direção ao Largo da Paz. No quartel, ficou um grupo que ainda resistiu a 30 horas de fuzilaria das tropas legalistas. No caminho, ia clamando o povo a se juntar ao movimento. "Tanta gente aderiu que tivemos que tomar um bonde para levar o povo. Eu ia na frente, na balastrada do bonde, com o revólver apontado para o alto, gritando a senha *Viva Prestes*". Na ponte sobre o Rio Capibaribe que dá acesso ao Largo da Paz, deixou um sargento com uma das metralhadoras pesadas. O sargento se entregou ao primeiro batalhão legalista que apareceu.

Lamartine conseguiu licença de um padre para instalar a outra metralhadora na torre da Igreja da Paz, com o compromisso de "respeitar os objetos de culto". Dali, fez sua guerra até o dia seguinte, quando o primeiro tiro de canhão acertou a torre da igreja e ele fugiu com seus homens para o interior. Foi preso, ficou dois anos incomunicável na Casa de Detenção de Recife, saindo da cela apenas uma vez por mês para tomar banho e fazer a barba: passou 10 meses na ilha presídio de Fernando de Noronha (onde também estava o líder comunista Agildo Barata); foi condenado a 30 anos pelo Tribunal de Segurança Nacional, mas conseguiu reduzir a pena para dez; ganhou livramento condicional em 1941 quando estava no presídio da Frei Caneca, no Rio; voltou à tropa com a anistia de Getúlio Vargas em 1951; chegou a coronel em 1964; foi dado oficialmente como morto pelo regime militar (sua mulher, Luíza, recebia pensão como viúva de marido vivo); e, finalmente, anistiado em 1979 pelo presidente João Figueiredo, foi para a reserva como coronel, mas com soldo de general-de-brigada, um alívio no orçamento da profissão que o sustentou na adversidade, a de professor de matemática.

Hoje, depois de duas pontes de safena, uma operação de vesícula, uma de próstata e outra de hemorragia cerebral, o tenente Lamartine ainda caminha diariamente pelo calçadão da Avenida Atlântica. Mas procura fugir de emoções. Reclama, por exemplo, quando Luíza lhe fala dos preços no supermercado. Por mais que tivesse tentado fugir das lembranças de 1935, não conseguiu tirar o olho da televisão no noticiário do enterro de Prestes. E não conteve o desejo de prestar no cemitério a última homenagem ao Comandante com quem conversou raríssimas vezes, mas a quem devotava "uma disciplina férrea e grande convicção ideológica", sem jamais ter-se filiado ao Partido Comunista. (M.P.)

Text

Capitão

(II)

1938-36

A morte de Prestes

Carreira política começou com levante em 1924

Do Banco de Dados

A vida política de Luiz Carlos Prestes começou em 1924, quando ele organizou um levante no quartel de Santo Ângelo (RS), em apoio à revolta iniciada em São Paulo contra o governo do então presidente Artur Bernardes. Liderando um contingente com 2 mil homens, Prestes marcha para o Paraná, onde se reúne com as forças paulistas, formando a Coluna Prestes. Após travar 53 combates, a Coluna ingressa na Bolívia em 1927. A ação da Coluna projeta o nacional e internacionalmente como estrategista militar e ele fica conhecido, desde 1928, como o "cavaleiro da esperança". Antes disso, havia participado de reuniões no Colégio Militar do Rio que resultaram no movimento tenentista.

Prestes nasceu em Porto Alegre (RS) em 3 de janeiro de 1898, filho do capitão do Exército Antônio Pereira Prestes e de Leocádia Felizardo Prestes. Em 1908, com a morte de seu pai, decide seguir a carreira militar. Em 1909, entra no Colégio Militar e, em 1916, na Escola Militar do Realengo, no Rio. Foi declarado aspirante-a-oficial em 1918 e segundo-tenente em 1920.

Em dezembro de 1927, tem seu primeiro contato com o PCB ao ser procurado na Bolívia pelo secretário-geral do partido, Astrogildo Pereira, para ser o candidato à Presidência. Não aceita. Após viver na Bolívia, Argentina e Uruguai trabalhando como engenheiro, viaja para a URSS em 1931. Ingressa no PCB em agosto de 1934. Após casar-se na URSS com a alemã Olga Benário em fins de 1934, segue para o Brasil para organizar uma frente política para derrubar o governo Vargas.

Aclamado presidente da Aliança Nacional Libertadora (ANL), Prestes chega ao país em abril. Declarada ilegal pelo governo em julho, a ANL inicia os preparativos de um movimento armado. Com a precipitação da revolta no Rio Grande do Norte em novembro, o movimento é reprimido. Prestes é preso no Rio em 5 de março de 1936, com sua mulher, Olga, que, grávida de sete meses, foi deportada para a Alemanha, onde morreu em um campo de concentração, em 1938.

Na prisão, Prestes é eleito secretário-geral do PCB em agosto de 1943. Libertado em 18 de abril de 1945, defende o movimento "queremista", que desejava a realização de uma Constituinte com Getúlio na Presidência. Em 1945, Prestes é eleito senador pelo Distrito Federal. Em 1947, o TSE cancela o registro do PCB e o Congresso cassa o mandato de seus parlamentares. Vivendo na clandestinidade desde então, Prestes começa a ter suas posições criticadas a partir das denúncias contra Stálin em 1956.

Apoiando os governos de Juscelino Kubitschek (1956-61) e João Goulart (1961-64), Prestes orienta o partido para uma ação com líderes nacionalistas do PTB. Com a queda de Goulart, sua casa é invadida, sendo apreendida documentação sobre o PCB que permite a prisão de centenas de militantes.

Ele vai para a URSS em 1971 e volta em 1979. Em março de 1980, acusa a direção do PCB pelas prisões de militantes em 74/75. O Comitê Central afasta-o do cargo de secretário-geral em maio, e ele deixa o PCB em outubro de 1980.



Prestes, em março de 1958, deixando a clandestinidade de dez anos

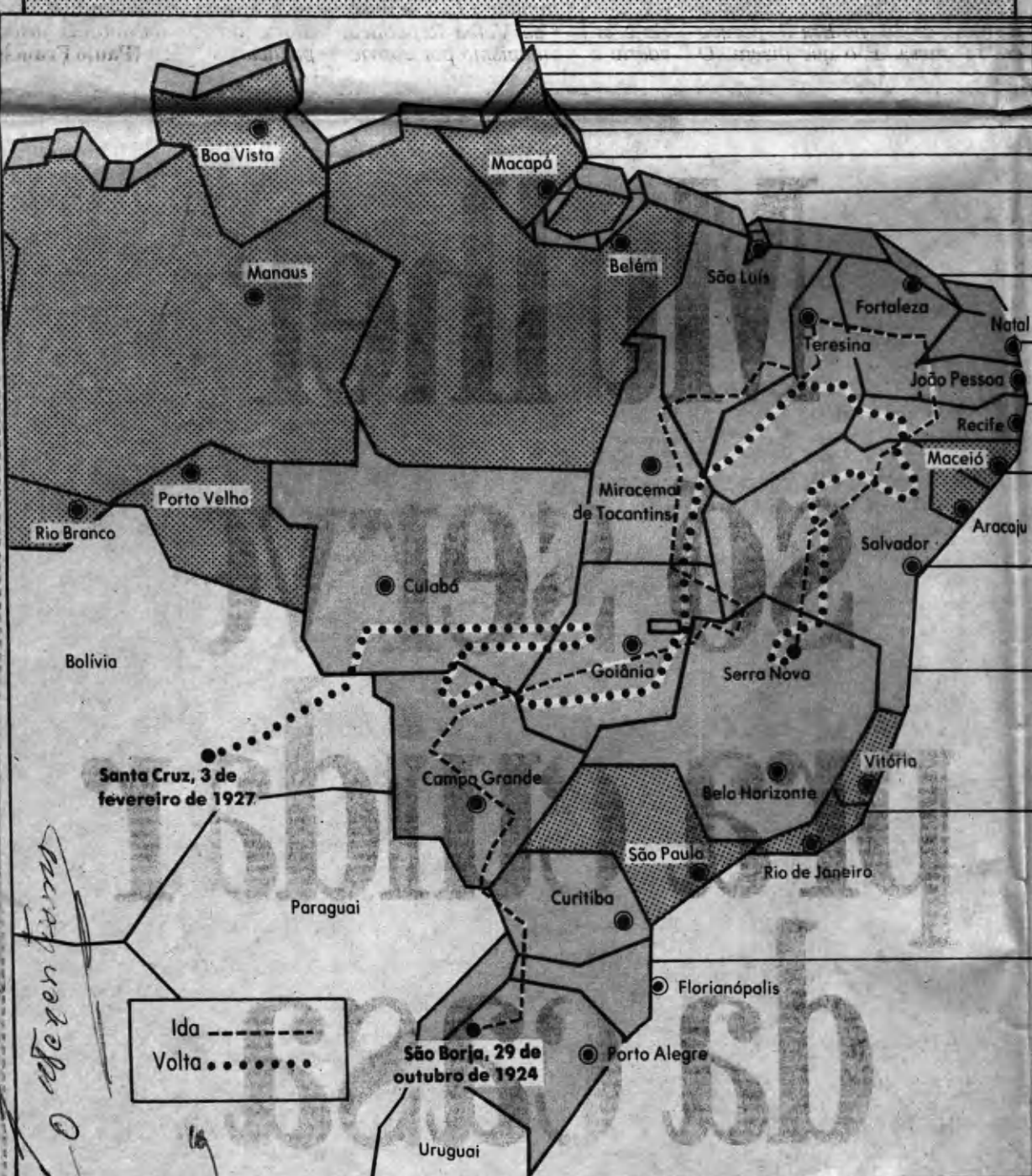


Cordeiro de Farias (esq.), Prestes e Djalma Dutra na Coluna Prestes



O ex-líder comunista fala durante convenção do PDT, em Brasília

O PERCURSO DA COLUNA PRESTES



Coluna Prestes percorreu 25 mil quilômetros

Da Redação e das sucursais

A Coluna Prestes foi uma das principais etapas do tenentismo, um movimento de jovens oficiais do Exército que pretendiam derrubar a força dos governos de Epitácio Pessoa (1919-1922) e Arthur Bernardes (1922-1926). Os tenentes queriam o fim das oligarquias políticas estaduais e a criação de um Estado forte. Eram nacionalistas e defendiam medidas como o voto secreto, criação da Justiça Eleitoral, moralização política e maior independência do Legislativo e do Judiciário.

O levante do Forte de Copacabana, no Rio, em 5 de julho de 1922, foi a primeira manifestação do tenentismo. Liderados pelo tenente Siqueira Campos, 301 militares se rebelaram no forte.

Destes, 18 combateram as forças legalistas. Apenas dois sobreviveram: Siqueira Campos e o tenente Eduardo Gomes.

Em 5 de julho de 1924, eclodiu a rebelião tenentista em São Paulo. A cidade sofreu um intenso bombardeio das tropas federais e, em 27 de julho, os tenentes se retiraram e formaram uma coluna paulista. No Rio Grande do Sul, houve vários levantes, inclusive em Santo Ângelo, onde o capitão Luiz Carlos Prestes comandava os revoltosos. Os líderes das rebeliões se unem em São Borja. De lá, Prestes decide ir ao encontro da coluna paulista. As duas colunas se unem no Paraná, formando a Coluna Prestes.

Prestes convence os líderes da rebelião a manter uma "guerra de movimento". Ele assume o coman-

do do "estado-maior" da coluna e se transforma no líder da marcha, dirigindo as operações militares. A coluna combate forças legalistas e jagunços de "coronéis" nordestinos. Passo por 13 Estados, percorreu mais de 25 mil quilômetros e entrou na Bolívia, em 3 de fevereiro de 1927, encerrando a luta.

Na cidade de Caculé (BA) correm histórias sobre a passagem da coluna. Uma delas, sobre a chegada antecipada de chefes da coluna, que pediam aos comerciantes que jogassem fora as bebidas alcoólicas para que os rebeldes não se embriagassem.

Prestes não deixou documento sobre a coluna, mas deu informações para sua filha Anita Leocádia escrever uma tese sobre o movimento.

OS "CAMARADAS" DE PRESTES NO COMINTERN



Josef Stálin — Nasceu em 21/12/1879 em Gori, na Geórgia (URSS). Entrou para o partido comunista em 1899. Participou da Revolução Russa em 1917. Indicado secretário-geral em 1922, tornou-se o principal dirigente do país após a morte de Lênin em 1924.

Ho Chi Minh — Nasceu em 19/05/1890 no protetorado de Anam (Vietnam) e morreu em 3/09/1969. Entra no Partido Comunista Francês em 1920. Em 1930, organiza o Partido Comunista Vietnamita. Seu exército conquista o poder no norte do país em agosto de 1945, e expulsa as tropas francesas em 1954.

Dolores Ibarruri — Nasceu em dezembro de 1895, em Viscaya (Espanha) e morreu em Madrid a 12/11/1989. Escrevia artigos com o pseudônimo de "Passionaria". Em 1920, participa da fundação do Partido Comunista Espanhol. Lutou contra os franquistas. Tornou-se o principal dirigente do PCE em 1942.



Mao Tse-tung — Nasceu em Chaoshan, em 26/12/1893 e morreu em Pequim (China) em 9/09/1976. Organiza o Partido Comunista Chinês na sua província, em 1921. Em 1928, lidera a primeira revolta contra o governo e cria um exército guerrilheiro. Conquista o poder em 1949. Desencadeou a Revolução Cultural.

Palmiro Togliatti — Nasceu em Gênova (Itália), a 26/03/1893, e morreu em Roma (URSS), em 21/08/1964. Em 1914, ingressou no Partido Socialista Italiano. Em 1921, fundou o Partido Comunista Italiano. Criou o jornal L'Unità. De 1944 a 1946, integra o governo de coalizão na Itália.

Maurice Thorez — Nasceu na França em 28/04/1900 e morreu em 11/07/1964. Trabalhava em minas de carvão. Entrou para o Partido Socialista Francês em 1919, e aderiu ao Partido Comunista em 1920. Tornou-se secretário-geral do PCF em 1930. Participou do governo de união nacional de 1945 a 1947.

Líder comunista foi membro do Comintern

Da Redação

Luiz Carlos Prestes foi eleito membro do Comitê Executivo da Internacional Comunista (também chamada Terceira Internacional ou Comintern) em agosto de 1935, durante o sétimo e último congresso da organização, realizado em Moscou. Também faziam parte do Comitê Executivo Josef Stálin, Mao Tsé-tung, Palmiro Togliatti, Maurice Thorez, Dolores Ibarruri, Bela Kun, Georgi Dimitroff e Dmitri Manuilski. A organização seria dissolvida por Stálin em 1943.

A eleição de Prestes — que não participou do congresso — mostra o prestígio que ele havia alcançado no exterior, como resultado de sua participação na Coluna Prestes. Apesar disso, ele não chegou

a participar das reuniões do Comintern. Foi um dos organizadores do levante de novembro de 1935, que ficou conhecido como Intentona Comunista. Em março de 1936, pouco depois do levante, Prestes foi detido e permaneceu preso até abril de 1945.

A Terceira Internacional Comunista foi fundada durante um congresso em Moscou, em 1919, por iniciativa dos bolcheviques, em consequência da desagregação da Segunda Internacional. Em seu segundo congresso, já contava com a participação de delegados dos partidos comunistas de 41 países.

Para aceitar a filiação de partidos, o Comintern exigia o afastamento dos "reformistas e centristas de todas as posições do movimento operário" e a combinação do trabalho legal com o

ilegal. Suas decisões tinham força de lei entre os PCs filiados.

O sexto congresso do Comintern, realizado em 1928, atacou duramente os partidos social-democratas, chamados na época de social-fascistas, e bloqueou qualquer tipo de aliança entre eles e os comunistas. Com a ascensão do nazismo na Alemanha, essa política foi revista.

O Comintern sempre foi controlado pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Ela foi dissolvida em junho de 1943, sob o argumento de que as novas condições em que o movimento comunista tinha de atuar tornavam impossível sua direção por um centro internacional. A dissolução atendeu aos objetivos de Stálin, de tranquilizar seus aliados na guerra contra a Alemanha.

Líderes políticos destacam atuação de Prestes

Da Redação e das Sucursais

A morte do ex-líder comunista Luiz Carlos Prestes provocou declarações de pesar da classe política brasileira, que destacou o seu papel na história contemporânea do país. O presidente eleito, Fernando Collor, designou o seu ex-assessor de imprensa, Cláudio Humberto, para afirmar que "mesmo os adversários de Prestes reconhecem que ele teve um papel importante na formação histórica e política do país". Collor mandou um telegrama de condolências à viúva de Prestes, Maria do Carmo Ribeiro. O presidente José Sarney também telegrafou à viúva, destacando em Prestes "a firme presença e coerência de ideias nas lutas de que participou".

O deputado federal Luiz Inácio

Lula da Silva (PT-SP) disse que Prestes representou "uma esperança de libertação. Além das saudades, deixa um ensinamento de caráter". Para o presidente do PDT, Leonel Brizola, "a sua morte é um marco na história, como foi a de Getúlio Vargas e a de João Goulart".

O ex-ministro da Justiça, Armando Falcão, elogiou o papel do ex-líder na história brasileira, "acima das nossas divergências ideológicas", principalmente quando conduziu a Coluna Prestes. Em nota distribuída à imprensa, o ex-prefeito Iânio Quadros disse que "com ele, morre também uma página da nossa história".

A lição de Carlos Prestes ao arcebispo-emérito de Olinda

(PE), d. Hélder Câmara, foi a de que era possível ser comunista sem sombra de anti-comunismo. Tenho certeza de que nos encontraremos na casa do Pai".

Ulysses Guimarães, presidente do PMDB afirmou que com a morte de Prestes "o Brasil perde um bravo, e falo com a isenção de quem sempre foi discordante de sua pregação". O deputado federal Roberto Freire (PCB-PE) lamentou a perda "principalmente para nós, comunistas, porque ele é um símbolo da nossa luta".

A notícia da morte de Prestes será publicada hoje no "Pravda" (jornal oficial do Partido Comunista da União Soviética, PCUS), segundo seu filho João Ribeiro, que mora em Moscou. O jornal também publicará cópia do telegrama que enviou à família.

a) o levante
b) a guerra de movimento

A morte de Prestes

Prestes morre de câncer aos 92 anos no Rio



A mulher de Prestes, Maria do Carmo Ribeiro (ao centro), diante do caixão na Assembleia Legislativa

Da Sucursal do Rio

O líder comunista Luiz Carlos Prestes, 92, morreu ontem às 2h30. Ele estava internado há seis dias na Beneficência Portuguesa no Rio, com leucemia e septicemia (infecção generalizada). O corpo foi embalsamado e será velado até as 8h de amanhã na Assembleia Legislativa, quando seguirá em cortejo para o cemitério São João Batista, na zona sul.

Prestes foi filiado ao PCB de 1934 a 1980 e ocupou o cargo de secretário-geral do partido de 1943 a 1980. Em 1924 liderou um movimento contra o governo de Artur Bernardes, chamado Coluna Prestes, que o tornou conhecido nacional e internacionalmente. Foi preso em 1936 durante a repressão a um movimento contra o governo de Getúlio Vargas. Foi libertado em 1945. No mesmo ano se elegeu senador. Foi cassado em 1947, quando passou a viver na clandestinidade. Viveu na URSS de 1931 a 1934 e 1971 a 1979. Casou duas vezes. Com Olga Benário teve uma filha, Anita Leocádia. Teve sete filhos com Maria do Carmo Ribeiro, que já tinha outros dois filhos.

Quando Prestes morreu, estavam no hospital três de seus filhos —Iuri, Anita Leocádia e Mariana. "Ele não teve agonia. Foi apagando lentamente", afir-

Enterro será amanhã

Da sucursal e da Redação

O corpo de Luiz Carlos Prestes deixará a Assembleia Legislativa do Rio amanhã, às 8h, e seguirá em carro aberto até o cemitério São João Batista. O corpo, que foi embalsamado, será enterrado num mausoléu doado pela Santa Casa. O enterro está marcado para as 10h e não está prevista cerimônia religiosa. O embalsamamento é uma técnica de preservação. Consiste na substituição dos órgãos internos por substâncias aromáticas e anti-sépticas.

mou Iuri Ribeiro Prestes, 25, que chegou anteontem de Moscou (URSS) para ver o pai. Sua mulher, Maria do Carmo, 63, foi chamada em casa. Foi a primeira noite, desde a internação de Prestes, que ela não dormiu no hospital. A família deixou o hospital às 3h30, levando o corpo para ser embalsamado na Santa Casa de Misericórdia, no centro.

Às 12h20, o corpo chegou à

Assembleia, no centro, onde será velado. A família dispensou a extrema-ungão e a cruz que seria colocada ao lado do corpo. O caixão foi coberto pelas bandeiras do Brasil, do Partido Comunista, e do PDT.

O prefeito do Rio, Marcello Alencar (PDT), disse que a Prefeitura dará pensão à viúva. afirmou também que dará o nome de Prestes a um Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) e a uma avenida na zona oeste, ainda não escolhidos. Alencar prometeu ainda erguer um monumento em homenagem à Coluna Prestes. Não disse onde. Prestes apoiou a candidatura de Leonel Brizola (PDT) à Presidência.

O hall da Assembleia, onde o corpo está sendo velado, ficou lotado. Entre os visitantes, muitos traziam "buttons" do Partido Comunista, do PDT ou flâmulas vermelhas com uma pomba branca, distribuídas no saguão. O ator Mário Lago, 78, militante comunista, disse que quando Prestes embarcou para Moscou em 31 ele distribuiu cartas de Prestes justificando sua viagem. Às 17h15, Brizola chegou ao velório. "É um momento de luto, mesmo para os que nunca seguiram este homem", disse.

LEIA MAIS

Sobre Prestes nas pág. A-8 e A-9

Passeios na praia eram hobby

Da Sucursal do Rio

Desde fevereiro, quando Prestes passou quatro dias internado na Clínica São Vicente, na zona sul do Rio, para tratamento de anemia profunda, a família sabia que seu estado era grave. Segundo seu assessor, o deputado estadual Acácio Caldeira (PDT-UF), os médicos constataram na ocasião "deterioração" no sangue e "problemas na medula".

Caldeira disse que, após sair da clínica, Prestes passou 15 dias de férias em Fortaleza (CE), com o filho Paulo Roberto e sua mulher, Maria do Carmo Ribeiro. Voltou no último dia 23. No dia seguinte, Prestes começou a sentir dores na bexiga, mas não queria ser internado. "Dizia que queria morrer em casa", afirmou seu filho Paulo Roberto. No dia 24 foi atendido em seu apartamento, na Gávea (zona sul), pelo hematologista Eduardo Cortes. Segundo o filho adotivo Carlos Ribeiro, Prestes resistia ao tratamento porque defendia a homeopatia.

No dia 28 Prestes concordou em ser internado na Beneficência Portuguesa. Segundo o superintendente-médico do hospital, Ruyler Goulart, ele era "muito resistente". Sua filha Anita Leocádia disse que desde o último dia 3 ele dormia a maior parte do tempo, até entrar em coma incompleto, na tarde de anteontem.

Prestes costumava acordar às 6h. Lia os jornais até as 12h. Almoçava às 12h30, lanchava às 17h30 e jantava às 19h30. Segundo Carlos Ribeiro e Anita Leocádia, nunca dirigiu automóvel. Fazia longas caminhadas, principalmente na praia do Pepino (zona sul). O filho Paulo Roberto disse que em Fortaleza Prestes caminhava todos os dias uma hora e meia na praia.

Em Fortaleza, segundo Paulo, Prestes fez uma palestra sobre a perestroika —política de abertura econômica na União Soviética— na Associação Cearense de Imprensa e deu entrevista para um filme sobre sua vida.

O ex-secretário-geral do PCB foi internado pela primeira vez este ano em 5 de janeiro. Ficou dez dias na Clínica São Vicente. Os médicos recomendaram descanso e boa alimentação. Paulo Roberto disse que em Fortaleza Prestes não teve problemas de saúde, "mas estava deprimido". Segundo ele, a depressão começou em dezembro passado, quando a esquerda perdeu a eleição presidencial.

As quatro filhas de Maria e Prestes (Rosa, Ermelinda, Mariana e Zóia) têm um ponto comum em suas biografias: todas são casadas com brasileiros que conheceram na União Soviética, onde residiram a partir de 1970.

A filha mais velha de Prestes, Anita Leocádia, 52, nasceu na prisão de Berlin, na Alemanha Oriental, onde sua mãe, Olga Benário, foi morta em 1942. Resgatada da prisão pela avó materna, após intensa campanha internacional, Anita morou na França, México e só aos 9 anos de idade, quando veio para o Brasil, conheceu o pai.

nenhum dos sete filhos do ex-líder comunista Luiz Carlos Prestes e de sua segunda mulher, Maria do Carmo Ribeiro têm hoje qualquer militância política. Luiz Carlos, 30, é cineasta e coordena o jornal Cine-Imaginario, dedicado ao cinema. Paulo, 36, edita uma revista de marketing em São Paulo e se define como "social-democrata". Pedro, 40 anos, fez jornalismo em Cuba e hoje trabalha numa rádio em Havana.

Maria, 63, teve dois filhos no primeiro casamento, Pedro e Paulo, e de sua relação com Prestes nasceram outros sete filhos. Dois deles, João e Iuri, moram em Moscou. João, 35, veio para o Brasil em 1979, com a anistia, mas retornou à União Soviética em 1984. Hoje trabalha com comércio exterior. Iuri, 25, é historiador e hoje prepara uma pesquisa sobre o movimento armado de 1935.

tenha sido expulso do partido durante o sétimo congresso, em 1982. "Não houve nenhum tipo de medida disciplinar contra o Prestes. O PCB se esforçou para que ele voltasse a exercer atividades no partido, mas ele sempre se recusou. Com o tempo, a situação foi ficando mais difícil e desistimos de trazê-lo de volta".

Segundo o dirigente comunista, o Congresso de 1982 decidiu não reeleger Prestes membro do Comitê Central devido "ao seu afastamento das atividades partidárias desde 1980, ocorridas devido a divergências políticas internas". Malina, 65, afirmou estar "muito aborrecido" pela morte de Prestes. "Ele era simples, educado e solidário com os outros membros do partido", disse.

O presidente do PCB, Salomão Malina, negou ontem que Prestes

ASSINADOS EM CANANÉIA OS PRIMEIROS CONTRATOS DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO.

O Governador Orestes Quêrcia assinou ontem, em Cananéia, contratos de financiamento previstos no Programa de Desenvolvimento do Estado de São Paulo.

Nesta fase o programa beneficiará 27 diferentes cidades do Interior e deverá gerar cerca de 2.300 empregos diretos, através de 36 empresas.

O Programa de Desenvolvimento do Estado de São Paulo financia investimentos para a descentralização da atividade econômica e para a criação de novas indústrias no Interior, especialmente nas regiões mais pobres, como o Portal do Paranapanema e o Vale do Ribeira, a modernização e realocação regional das indústrias e o incentivo da tecnologia de ponta voltada ao setor produtivo, visando a redução de disparidades regionais de renda, o respeito às normas ambientais e a desconcentração das atividades industriais do Estado.

O valor dos recursos repassados ontem é de NCz\$ 1,29 bilhões em valores de março/90. As condições e financiamento variam de acordo com a prioridade conferida pelo Governo do Estado a cada região.

Para as regiões do Vale do Ribeira e Portal do Paranapanema, prioritárias no Programa, os financiamentos cobrem 90% do valor total dos projetos. As taxas de juros variam de zero (nas regiões prioritárias, onde será cobrada apenas a correção monetária) até 12% ao ano, com prazos de financiamento entre 4 e 12 anos e carência de 1 a 3 anos.

Com o início deste Programa, o Governo de São Paulo visa proporcionar um crescimento equilibrado em todas as regiões do Estado, além de mais empregos, diretos e indiretos, melhorias e desenvolvimento tecnológico no setor produtivo paulista.



CONDIÇÕES DE FINANCIAMENTO POR REGIÃO

| Região (Vide Mapa) | Juros (a.a.+C.M.) | Proporção Máxima Financiável do Investimento Total | | Prazos Máximos |
|----------------------|-------------------|--|--|---------------------------|
| | | Máximo Global | Aporte Máximo de Recursos do Projeto (*) | |
| 1 - Maior Prioridade | 0% | 90% | 90% | 12 anos 3 de carência |
| 2 | 3,5% | 90% | 70% | 8 anos 2,5 de carência |
| 3 | 6% | 85% | 50% | 6 anos 2 de carência |
| 4 | 9% | 80% | 30%(**) | 5 anos 1,5 de carência |
| 5 - Menor Prioridade | 12% | 80% | 20%(**) | 4 anos 1 de carência |

(*) A diferença entre o máximo global e o aporte máximo de recursos do Programa deverá ser coberta com outras fontes de financiamento (BNDES, por exemplo).

(**) Nessas regiões o Programa entrará exclusivamente em complementação a outras fontes de financiamento.

PCB recebe registro

Da Reportagem Local

O Tribunal Superior Eleitoral concedeu ontem o registro definitivo ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). A decisão foi tomada por unanimidade. Na mesma sessão, foi negado o pedido de registro definitivo do PMB.

O jornal "Voz da Unidade", órgão oficial do PCB, circula hoje com capa e contracapa dedicadas à morte de Luiz Carlos Prestes. Na próxima semana, o jornal vai fazer uma análise da atuação de Prestes, apesar das divergências com o PCB. O objetivo é adotar uma posição de "equilíbrio" e tratar Prestes como um personagem "histórico". afirmou o diretor-responsável da publicação, Luis Carlos Azedo. O presidente do PCB, Salomão Malina, negou ontem que Prestes

NOVO TEMPO



Uma vida feita só de lutas e de coerência

Marcos de Castro

O advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto, um homem de 96 anos, iluminado pela graça de uma fé que nunca o abandonou, com toda a certeza estará fazendo suas orações, neste momento, pela alma de Luís Carlos Prestes. O quadro, em sua singeleza, resume bem o sentido de uma vida como a de Prestes, que morreu ontem no Rio aos 92 anos: um sentido de coerência honesta que lhe valeu sempre o respeito de amigos e inimigos. Sobral Pinto estava entre os primeiros, os amigos, sem deixar de ser sempre adversário. Um adversário leal, aberto, claro e franco. Como Prestes, também.

O Prestes que agora se foi é talvez a maior figura de lutador político do século, no Brasil. Nascido em Porto Alegre a 3 de janeiro de 1898, menino ainda se mudou para o Rio, onde em 1908 já frequentava uma escola primária em Botafogo, mas nesse mesmo ano, com a morte do pai, que era capitão da arma de Engenharia (como o filho seria), fez concurso para o Colégio Militar, a fim de pesar menos para a mãe viúva, com cinco filhos (ele era o único homem). Teve de fazer novo concurso no ano seguinte, pois a idade não lhe permitia frequentar as aulas. Aprovado novamente, dessa vez foi admitido.

Em 1916, com 18 anos, entrou para a Escola Militar, que formava os oficiais do Exército brasileiro no subúrbio carioca de Realengo, de onde saiu aspirante em dezembro de 1918. Sua vida revolucionária começou em 1922, quando participou da primeira revolta dos tenentes contra o governo de Artur Bernardes, que formaria, com seu desdobramento de 1924, a raiz da revolução de 30. Em 1922, só não esteve nas areias de Copacabana, com seus colegas de turma Eduardo Gomes, Antônio de Siqueira Campos e outros tenentes, no episódio que ficou conhecido como Os 18 do Forte, porque no dia 5 de julho estava de cama, febril. Participara antes de todas as reuniões preparatórias da revolta. Também em 1924, embora no Rio Grande do Sul e, portanto, distante dos centros onde eclodiu o segundo 5 de julho — que foram São Paulo, Sergipe e Amazonas —, participou longamente de todos os preparativos da revolução a ser deflagrada ainda contra Artur Bernardes.

Nesse episódio entra de corpo inteiro, mais uma vez, a personalidade intransigentemente coerente de Luís Carlos Prestes. Se, como militar, tinha jurado defender a Constituição, resolveu afastar-se do Exército para participar da revolução. Pediu, então, uma licença para tratamento de saúde. Mas foi apanhado de surpresa dia 5 de julho, ainda em Santo Angelo (RS), onde servia na ocasião. Os focos de Sergipe e do Amazonas foram rapidamente dominados. Mas o foco paulista resistiu e, sob o comando do general reformado Isidoro Dias Lopes e do capitão Joaquim Fátima, além do major da força pública (atual Polícia Militar) Miguel Costa, começou a se deslocar, sob forte pressão das tropas legalistas, depois de dar muito trabalho e abalar São Paulo. As tropas paulistas andaram por Mato Grosso e depois estacionaram na região de Guairá, Paraná. Prestes, em setembro, disposto a mergulhar de corpo inteiro na revolução, passou da licença de saúde para o pedido de demissão do serviço ativo do Exército.

A Coluna — Só depois de efetivado esse pedido Prestes deflagrou o levante em Santo Angelo (RS). Trezentos soldados que Prestes comandara no Batalhão Ferroviário o acompanharam. Foi o núcleo inicial da Coluna Prestes (que alguns historiadores preferem chamar de Coluna Miguel Costa-Prestes). No fim de dezembro de 1924, já engrossado por tropas de São Borja, sob o comando do tenente Siqueira Campos, de Alegrete (tenente João Alberto) e Cachoeira do Sul (tenente Fernando Távora), esse núcleo deixou São Luís Gonzaga (RS), totalizando cerca de 2 mil homens em armas, incluindo revolucionários civis, depois de duros combates na região missioneira gaúcha. As tropas sob o comando de Prestes se dirigem então a Foz do Iguaçu para se juntarem às tropas paulistas. Ai é que tem início, efetivamente, o capítulo da História do Brasil conhecido como Coluna Prestes.

E foi aí que Prestes se tornou o Cavaleiro da Esperança, designação romântica que serve bem ao comandante de uma coluna revolucionária, sim, mas sem dúvida aventureira, que em mais de dois anos, a cavalo ou a pé, percorreu o Brasil todo, de Sul a Norte, de Oeste a Leste. O objetivo primeiro era manter forças federais ocupadas pelo interior do país, o que enfraquecia o governo Bernardes e, enfraquecendo-o, facilitava as condições de conspiração na capital do país para derrubar o presidente. Objetivo nunca integralmente atingido: Artur Bernardes, a duras penas, mantendo sempre o país sob estado de sítio, levou

A grande marcha da Coluna

Henrique Ruffato



seu governo até o fim. Outro objetivo era a denúncia de injustiças, era conhecer o país, era integrar-se a um Brasil desconhecido para a maioria dos revolucionários, miserável, faminto, sem direitos, um Brasil à margem da história. Esse foi amplamente atingido e, mais que isso, deu à expedição uma aura de heroísmo, a Prestes um ar romântico que ele nunca perseguiu mas a que não escapa nenhuma vida feita só de luta. O destino de Prestes começou a ganhar marca muito própria na grande jornada da coluna.

O lado heroico dessa vida de combate incessante iria ampliar-se a um ponto não igualado na História do Brasil com o novo sentido que Prestes daria a suas lutas, e a posterior prisão e o sofrimento. Esse novo sentido viria do exílio, para onde Prestes teve de partir em fevereiro de 1927. Esgotara-se o sentido do ciclo da coluna. Mas Prestes não podia simplesmente reintegrar-se à vida brasileira, como outros companheiros. Estava traçado o perfil do comandante revolucionário, dele Prestes já não podia fugir. A coluna entrou na Bolívia, começou o exílio que iria mudar-lhe o perfil do comandante.

O marxismo — Prestes ficou na cidade de La Gaiba com cerca de 400 revolucionários brasileiros. Em dezembro de 1927 recebeu a visita do escritor Astorjildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil (1922) e então seu secretário-geral. Astorjildo viajava como enviado do partido, cuja Comissão Central Executiva considerava importante uma aproximação com o comandante da Coluna Prestes, dada a repercussão desse movimento por todo o Brasil. Mas disfarçava-se de enviado especial de A Esquerda, levando uma credencial de repórter que lhe dera Pedro Mota Lima, diretor do jornal, exigindo em troca uma entrevista com Prestes, que seria publi-

cada em enorme espaço durante três dias seguidos. Na mala, Astorjildo levou uma dúzia de livros com os quais pretendia iniciar Prestes na ideologia marxista.

Deu certo. Prestes leu Marx, Lênin, Engels, começou a se convencer de que a solução para os problemas do Brasil estava no marxismo. Que só uma radical mudança de estrutura no país poderia acabar com a miséria, que viria sobretudo no interior; inverter uma situação cujos males, de passagem, diagnosticara sobretudo no latifúndio. Na Argentina, onde completou seu exílio, além de aprofundar e renovar suas leituras marxistas, entrou em contato prático com o Partido Comunista Argentino e acabou se tornando grande amigo de um de seus líderes, Rodolfo Ghioldi.

O marxismo de Prestes o afastou da Revolução de 30, liderada por todo o grupo de tenentes que com ele se formara no Realengo e se comprometera com a revolução desde 1922 e 24. Mais uma vez é a coerência de Prestes. Por duas vezes ele deixara Buenos Aires, entrara clandestinamente no Brasil para conversar com Getúlio Vargas, então presidente (é como se dizia) do Rio Grande do Sul, para saber se era realmente uma revolução que ele pretendia comandar. Nas conversas, Getúlio nunca lhe pareceu confiável, como Prestes diz claramente no livro *Prestes: lutas e autocríticas*, de Denis de Moraes e Francisco Viana (Voices, Petrópolis, 1982). Nem Getúlio, nem seu secretário de Justiça, Osvaldo Aranha, com o qual Prestes também manteve contato clandestino.

Não se trata de um problema de mudança de homens — essa foi a explicação de Luís Carlos Prestes a seus companheiros tenentes em 1930 para não aderir ao movimento que pretendia levar Getúlio ao poder, em vez de dar posse ao vitorioso na eleição de 1º de março, o candidato

□ **Há alguma divergência quanto ao total da distância percorrida pela Coluna Prestes, em seus pouco mais de dois anos de marcha (de 27 de dezembro de 1924 a 3 de fevereiro de 1927) em território brasileiro.** O historiador norte-americano Foster Dulles, por exemplo, um especialista em questões brasileiras, diz que foram 22 mil quilômetros. A maioria dos historiadores brasileiros, entretanto, fala em 25 mil quilômetros e o próprio Prestes fica com esses números, o que é sem dúvida um dado importante, pois Prestes era engenheiro militar e um cuidadoso observador das coisas. Nesse percurso, a coluna passou por 13 estados. O grupo comandado por Prestes partiu de São Luís Gonzaga, na região missioneira gaúcha, a 27 de dezembro de 1924, para se encontrar com o grupo paulista, de Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa, na região fronteiriça entre o Paraná e o Paraguai, depois de uma jornada tumultuada em Santa Catarina. Do Paraná, ainda, a coluna partiu para Mato Grosso (naquele tempo um estado único). O estado seguinte a ser atingido foi Goiás e o sexto estado em que os rebeldes penetraram foi o Maranhão, passando-se logo uma das frentes da Coluna para o Piauí. Pernambuco foi a etapa seguinte e de lá, com uma nova passagem pelo Piauí, mais três estados foram rapidamente percorridos: Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, completando-se aí um total de 11 estados no roteiro. Bahia e Minas Gerais completariam o ciclo. Da cidade mineira de Serra Nova, iniciou-se o que se pode chamar o roteiro da volta, mas então de Mato Grosso, via Coxim e Cuiabá, seguiu-se para a Bolívia, onde Prestes e com ele cerca de 400 ou 500 revolucionários iniciaram o exílio com um primeiro pouso na cidade de San Matias, a 3 de fevereiro de 1927.

oficial Júlio Prestes. Getúlio Vargas representa os interesses de outros setores da mesma oligarquia, não será capaz de solucionar os problemas básicos do povo, acrescentava.

Como a anistia, esperada durante todo o governo Washington Luís, nunca chegou a sair, restou aos integrantes da Coluna Prestes virem voltando clandestinamente ao Brasil, condição impossível para um líder como Prestes, que foi ficando na Argentina e depois passou uma temporada em Montevideu. Mas Prestes estava cansado, as condições de trabalho eram ruins para ele na Argentina e não melhoraram no Uruguai. Nessas condições, ele resolveu aceitar um convite da Internacional Comunista, da qual o PCB era uma seção, e partir para uma temporada em Moscou.

A volta — Só voltaria ao Brasil para fazer o que chamava de "a revolução proletária". Iniciou a viagem de volta ao Brasil em dezembro de 1934, recém-casado com a alemã Olga Benário, revolucionária comunista alemã que estava trabalhando na União Soviética. A viagem foi longa, incluindo a Europa e os Estados Unidos. Prestes viajava como o cidadão português Antônio Vilar e nunca se levantou a mais leve suspeita a respeito dessa identidade. O casal desembarcou no Brasil em abril de 1935.

Cometeram-se erros políticos básicos, apesar da experiência internacional do grupo de comunistas que tinha se juntado no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, em 1935, com o objetivo de deflagrar a revolução proletária. Tudo o que restou foram mortes e prisões, algumas terminando com a loucura que se seguiu às torturas, como no caso do alemão Harry Berger (nome de guerra do alemão Arthur Ernst Ewert). Prestes não esconde esses erros, confessa-os claramente no livro citado: "...o levante foi feito sem prepa-

ração. Resultado: ficou restrito aos quartéis, sem contar com o apoio das massas."

Presos a 5 de abril de 1936 no subúrbio carioca do Méier, depois de uma das maiores caçadas já organizadas pela polícia no Rio, Prestes e Olga teriam sua hora amarga. Olga, depois de quatro meses de prisão, seria entregue pelo governo de Getúlio à Alemanha nazista. Estava grávida de sete meses. A filha do casal, Anita Leocádia, nasceu a 27 de novembro de 1936 numa prisão alemã. Só depois de uma grande campanha internacional desencadeada pela valentia de D. Leocádia, mãe de Prestes, a menina foi entregue à avó, com quem passou a viver; no México. Se Harry Berger enlouqueceu sob tortura, Prestes nunca foi torturado fisicamente, de modo direto. Mas era mantido em situação de tal modo penosa, em cubículo em que não cabia de pé, que sua situação contribuiu para que o advogado Sobral Pinto, embora pensasse principalmente em Harry Berger, invocasse a Lei de Proteção aos Animais em benefício dos presos políticos. Prestes permaneceria preso durante nove anos.

A coerência — Solto, em 1945, em plena redemocratização e com o nazifascismo derrotado na Europa, Prestes surpreende muita gente dando apoio ao movimento Constituinte com Getúlio. Logo Getúlio, que, em última instância, fora o responsável pela entrega de sua mulher grávida para morte nas mãos da Gestapo de Hitler? Logo Getúlio, cuja polícia, comandada por Filinto Müller, cometera toda sorte de crueldade contra os presos políticos, toda a violência de que Prestes fora a melhor testemunha? Mas numa hora dessas é que o político — o *homo politicus* — se revela por inteiro. Para Prestes, apoiar a campanha Constituinte com Getúlio era apenas uma questão de coerência, que ele mesmo explica com simplicidade: caminhava-se para a democracia com ou sem Getúlio. O caminho, com Getúlio no poder, seria mais rápido, mais simples.

Nas eleições de 1945, entretanto, o Partido Comunista do Brasil (que tinha Prestes, mesmo preso, como seu secretário-geral desde 1943, escolhido por seus companheiros numa assembleia realizada perto de Itaipua) resolve lançar candidato próprio, não vai com Getúlio, que apoiara Eurico Dutra, seu ex-ministro da Guerra. O PCB lança o engenheiro Iedo Fiúza, ex-prefeito de Petrópolis, que não era dos quadros do partido. Teve pouco menos de 10% dos votos válidos do país, que foram cerca de 6 milhões. Mas Prestes, mostrando todo seu prestígio, foi eleito senador pelo Distrito Federal, que então era o Rio de Janeiro, e deputado também pelo Distrito Federal e mais pelo Rio Grande do Sul e por Pernambuco. Optou pela cadeira de senador, pois tinha sido o mais votado da República, com 157 mil votos, quase um terço dos eleitores cariocas. Assumiu como Constituinte em 31 de janeiro de 1946, enquanto Dutra governava por decretos-leis. Assinou a Constituição brasileira de 18 de setembro de 1946, mas em maio de 1947 teve seu mandato cassado, com o novo cancelamento de registro do Partido Comunista.

Último exílio — Perseguido, Prestes voltou à clandestinidade em agosto desse ano. Com prisão preventiva decretada em 1950, teve de manter-se clandestino até 1958, quando a prisão preventiva foi revogada. Nesse ano é que há a cisão do partido, com a mudança do nome para Partido Comunista Brasileiro e a expulsão dos dirigentes João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar, que fundariam em 1962 o Partido Comunista do Brasil, reassumindo o nome antigo e dizendo-se os verdadeiros continuadores do partido fundado em 1922. Prestes, nessa época, pôde manter vida regular até o golpe de 64. A nova ditadura o empurrou de novo para a clandestinidade. Foi a fuga permanente do cerco que pretendia levá-lo novamente à prisão, até 1971, quando o partido decidiu mandá-lo para o exílio na União Soviética, de onde Prestes só voltaria com a nova anistia, em 1979. Os jornais da época dizem que cerca de 10 mil pessoas o esperaram no Galeão. Foi uma grande festa popular, certamente não só dos comunistas: é que Prestes, aquela altura com 81 anos, já era uma espécie de mito popular no Brasil, uma de suas únicas lendas vivas.

Daí em diante são os desentendimentos dentro do partido, cujos dirigentes acusou de traição da classe operária, na sua *Carta aos Comunistas*, de março de 1980. A carta lhe custa o cargo de secretário-geral do PCB e mais tarde o próprio afastamento do partido. De então para cá, Prestes sempre deu apoio a Leonel Brizola em todas as campanhas político-eleitorais. Mas se os dirigentes puderam afastá-lo do partido, não puderam, claro, impedir que ele continuasse, até morrer, o único grande líder comunista de prestígio popular no Brasil. O único que viveu sempre como Cavaleiro da Esperança.



1979. Fim do último exílio, festa no aeroporto



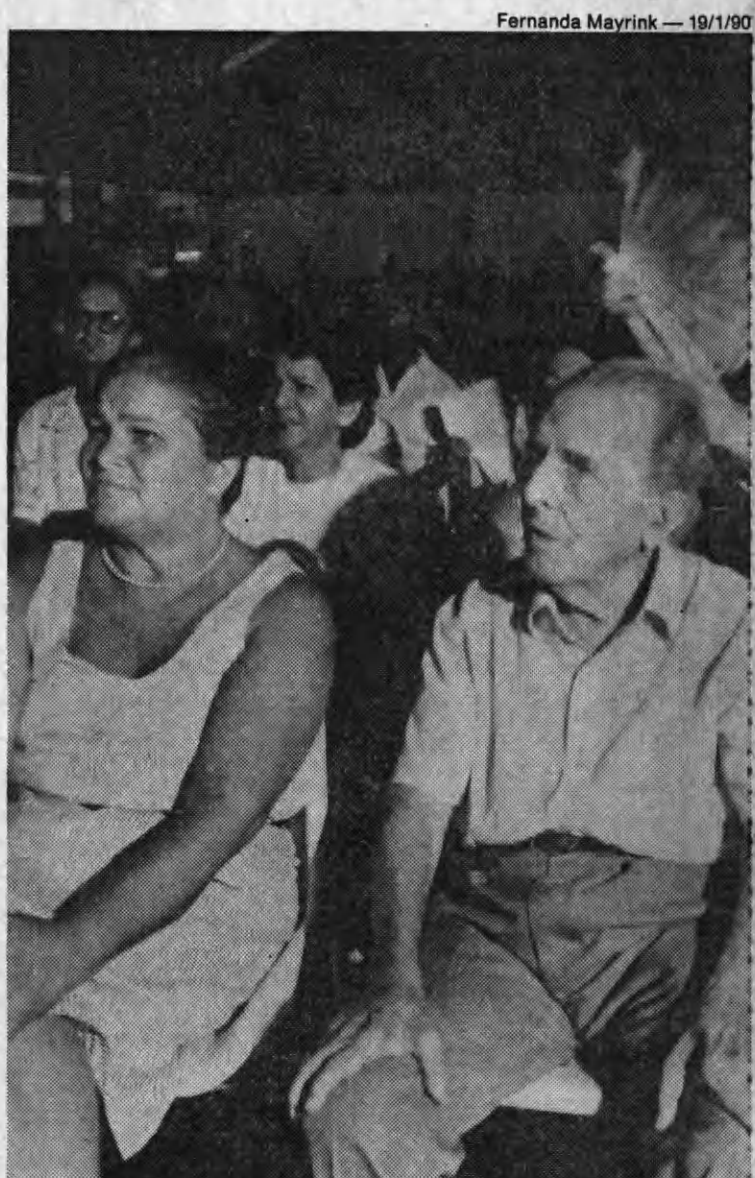
1982. Voltando às urnas



1986. Discurso no 1º de Maio



1989. Participando do comício final de Lula



1990. Com Maria, na festa do 92º aniversário

Atuação política atrapalhava vida pessoal

Marcelo Auler

O cenário era altamente propício: um camarote luxuoso do navio *Ville de Paris*, em março de 1935, às vésperas de atracar em Nova Iorque. As circunstâncias até exigiam. Os dois revolucionários comunistas, para passarem despercebidos pelas chamadas "forças da repressão capitalista", viviam uma *lua-de-mel* montada pela Internacional Comunista. E o que era ficção acabou tornando-se realidade. Luís Carlos Prestes, que aos 37 anos vivera toda sorte de experiência política, sem nunca ter reservado tempo para o lado afetivo — "ele nunca tinha estado com uma mulher", descreve o livro *Olga*, de Fernando Moraes — tornou-se naquela viagem marido de Olga Benário, militante encarregada de lhe dar segurança na viagem de volta ao Brasil.

O episódio demonstra o quanto a *vida revolucionária* abraçada por Prestes afetou a sua *vida afetiva*. Sua primeira filha, Anita Leocádia, do casamento com Olga, nasceu em 1936, em um campo de concentração nazista — depois de a mãe ter sido deportada pela polícia do Estado Novo. A menina que a avó, Leocádia, a duras penas, conseguiu recuperar das mãos da polícia nazista, em 1938, foi levada para o México e só conheceu o pai sete anos depois, em 1945, quando ele saiu da prisão, anistiado.

Prestes morreu deixando 10 filhos, dois deles adotivos. Mas a última vez, em vida, que conseguiu reunir todos foi em 1971, ao desembarcar em Moscou para mais um exílio, depois de sete anos na clandestinidade no Brasil. Ganhou 19 netos: só três são brasileiros e oito até hoje vivem no exterior — seis na União Soviética e dois em Cuba. Jamais juntou-os em uma mesma sala de jantar.

A vida pessoal sempre subordinada às atividades políticas fez com que o segundo casamento ocorresse na clandestinidade. "Era dia de Santa Bárbara" lembrava ontem a também militante comunista, Maria Ribeiro, do dia 4 de dezembro de 1953, quando o todo poderoso secretário geral do Partido Comunista do Brasil a convidou para "ser sua companheira". Ela, filha de militante e, como o pai, encarregada de cuidar do *aparelho* (local usado para as reuniões clandestinas), tinha então 20 anos — ele estava com 52 — e dois filhos de um outro relacionamento: Pedro, com 2 anos, e Paulo, com 1. Clandestino Prestes tinha o

codinome Pedro, maneira pela qual Maria tratou o marido até a morte.

Os dois filhos de Maria, enquanto Prestes se manteve na clandestinidade, foram levados para os cuidados de Clotilde Prestes, irmã mais velha do *Cavaleiro da Esperança*. Para todos os efeitos, as duas crianças eram filhas de um "integrante do comitê central". Em 1954, nasce João, o primeiro filho do casal, que Prestes, na época, imaginava "não alcançar vê-lo educado um dia". A dúvida não se confirmou: nos anos 70, João formou-se engenheiro, na presença do pai.

A família Prestes só foi saber da existência da nova cunhada depois que Luís Carlos, absolvido do processo que respondia em 1958, pôde circular livremente no país. Até tornar público, em 1959, seus cinco novos filhos — Pedro, Paulo, João, Rosa e Ermelinda, esses três últimos já do casamento com Maria — Prestes os via ocasionalmente em visita que fazia à casa em Jacarepaguá.

O fim do mistério permitiu juntar a família toda — com exceção de Anita — na Rua 19 de Fevereiro, em Botafogo. Mas as perseguições políticas, que o partido creditava à polícia de Carlos Lacerda, fez com que todos fossem para São Paulo, onde moraram no número 153 da Rua Nicolau de Souza Queiroz, na Vila Mariana. Os compromissos políticos de Prestes, porém, faziam com que ele acabasse dedicando pouco tempo aos filhos — em 60 nasceu Luís Carlos e, em 62, Mariana. "O afeto do *Velho* conosco era diferente, mas sempre existiu", conta Paulo Roberto.

Mesmo na clandestinidade, após o golpe de 64, Prestes continuava vendo a família. Sua mulher e seus filhos eram levados aos esconderijos — que se revejavam entre São Paulo, Rio e Sul de Minas — em complicadas operações promovidas pela segurança do partido: "Nunca usávamos menos do que três carros e sempre passávamos por no mínimo duas casas", afirmam Paulo e João. Aliás, quando Prestes voltou à clandestinidade, Maria estava grávida de Zóia e dois anos depois ainda viria a ter Luri, o filho mais novo.

O reencontro, em Moscou, em 71, não durou muito. Paulo logo voltou para o Brasil; Pedro foi para Cuba; João mudou-se da capital soviética para o interior da Rússia. A falta de tarefas fez de Prestes um homem nervoso na União Soviética. As más notícias do Brasil — quedas e mortes de companheiros — o deixaram com estranhas alergias: "De três em três meses, era internado", conta Paulo.

Filho descobriu ação de alemães

Jorgemar Félix

Há um ano e meio, quando começou a pesquisar a vida de Luís Carlos Prestes, seu filho caçula, o historiador Luri Ribeiro Prestes, 25 anos, fez uma descoberta que surpreendeu seu próprio pai: durante a Intentona Comunista de 1935, um grupo de alemães esteve secretamente no Brasil, em janeiro, para apoiar o movimento insurrecional. Com um esquema de segurança perfeito, os alemães saíram do Brasil sem nenhum problema ao considerarem que a revolta ocorreria. Prestes, um dos principais líderes da Intentona, soube do fato pouco antes de morrer.

Desde os 6 anos de idade morando em Moscou, Luri — que se considera mais soviético do que brasileiro — passa boa parte do seu tempo debruçado sobre o precioso arquivo de fitas, correspondências e documentos deixados por seu pai no apartamento da Rua Gorki, onde morou com a família, de 1971 a 1979, período de exílio em Moscou. No livro de registro de moradores do imóvel — um costume moscovita — o nome do morador Pedro Fernandes, codinome de Prestes, aparece riscado. "Tudo por causa da segurança que o envolvia", explica Luri.

"Enquanto integrava o PCB, Prestes estava nas graças do PCUS. Apesar de ter tido contato pessoal somente com um dos líderes soviéticos, Nikita Krushov, ele era considerado um membro importante", conta Luri. Por ironia do destino, Krushov foi o responsável pela desestabilização do partido e Prestes era stalinista. Justamente por pregar as ideias de Josef Stálin, Prestes deixa o PCB em 1980. Por isso, suas biografias na URSS limitam-se ao ano de 1979.

A doença de Prestes foi uma surpresa para Luri, que estava no Rio a trabalho — esta é a sua terceira visita ao Brasil. Formado em Histó-

ria da União Soviética, Luri estuda custeado por um admirador de Prestes. Casado com uma moscovita, ele tem dois filhos. A outra historiadora da família, Anita Leocádia, 53 anos, defendeu no ano passado tese sobre a Coluna Prestes, na Universidade Federal Fluminense. Justamente Anita, filha do primeiro casamento de Prestes, com a líder comunista alemã Olga Benário, é pivô de uma divergência na família. Os filhos de Maria do Carmo Ribeiro, 60 anos, segunda mulher de Prestes, não se entrosaram com Anita. Prestes sofria muito com a briga, mas ficava calado.

Uma das irmãs do líder comunista, Lúcia, 76 anos, chegou a afirmar, após a morte de Prestes, que não considera mais os filhos de Maria do Carmo como parentes. No segundo casamento, Prestes teve sete filhos. João, 35 anos, casado, três filhos, mora em Moscou e trabalha como representante de empresas brasileiras que comercializam com a URSS. João chegou na sexta-feira ao Brasil, a trabalho sem saber do estado de saúde do pai. Rosa, 34 anos, casada, quatro filhos, é química e mora no Rio. Ermelinda, 33 anos, casada, dois filhos, é formada em Pedagogia pelo Instituto de Moscou, vive em Goiás.

O cineasta Luís Carlos, 30 anos, casado, dois filhos, formou-se em Moscou, lecionou na PUC-RJ e na UFF. Hoje dá aula na Faculdade da Cidade. Seu primeiro longa metragem, feito em 88, chama-se *Cidades-irmãs. Rio-Leningrado*. Mariana, 28 anos, é médica obstetra, também formada em Moscou. Casada, dois filhos, ela mora em Cotia, interior de São Paulo. Zóia, 26 anos, casada, pedagoga, mora em Volta Redonda. Os dois filhos de Maria do Carmo, adotados por Prestes, são jornalistas. Pedro, 40 anos, mora em Cuba, onde trabalha numa rádio. Paulo, 36 anos, mora em São Paulo, tem um filho. Nenhum dos filhos de Prestes é militante do PCB.

Galeria de gestos inábeis

Sergio Sá Leitão

Luís Carlos Prestes não conseguiu explicar satisfatoriamente as razões que o levaram a chefiar, em 1935, a chamada Intentona Comunista, malgrado tentativa de golpe militar contra o governo de Getúlio Vargas. Nem foi capaz de reconhecer seus erros posteriores. Não que o líder comunista tenha sido poupado do assunto. Mas ele sempre procurou sair pela tangente. O episódio da Intentona revela uma face de Prestes que seus adeptos não gostam de reconhecer: o "secretário-geral", como carinhosamente o apelidaram amigos chegados, foi responsável direto por uma série de equívocos e gestos inábeis. O Prestes da Coluna, na verdade, é o mesmo homem que se chocou com a história ao associar duas vezes, nos anos 70, o MDB ao PCB, colocando em risco os avanços democráticos que a oposição consentida havia negociado na gênese da "abertura".

A galeria de declarações e atitudes infelizes de Prestes, no entanto, não tem limites aparentes. Mas a exposição dela não apaga em sua biografia os grandes feitos — talvez sirva, inclusive, para tornar a figura do Cavaleiro da Esperança um pouco mais humana. A Prestes, a história da Intentona aparece como uma mancha tão corrosiva quanto foram os efeitos da repressão que se seguiu à aventura. Ao final de quatro dias de combates, o governo de Getúlio Vargas debelou a rebelião, prendeu uma centena de militantes de esquerda e conduziu Prestes a um julgamento onde ele foi condenado a 46 anos de reclusão (dos quais cumpriu nove). Os liderados do "secretário-geral" pretendiam, segundo alguns historiadores, livrar o país da ameaça fascista que Vargas representaria e instalar um governo "revolucionário, democrático e popular".

A Intentona Comunista foi decidida e programada em uma reunião de Prestes com a direção da Internacional Socialista, organismo que coordenava à época a atuação dos partidos comunistas ligados à linha política do Kremlin. O brasileiro John Foster Dulles, autor do clássico *Anarquistas e comunistas no Brasil* (Nova Fronteira) atribui a ade-

são da Internacional a uma crença dogmática na fidelidade dos relatórios que a direção do PCB enviava regularmente para Moscou. Enquanto o serviço secreto do Exército controlava cada passo do PCB, seus dirigentes qualificavam a situação nacional como "pré-revolucionária" e coordenavam a articulação do golpe "militar-popular". Os relatórios, como se sabe, estavam absolutamente equivocados. E a derrota foi fácil.

Os erros, no entanto, não terminaram neste episódio. Em 1946, por exemplo, o PCB experimentou um período fértil, no qual o inábil Prestes foi eleito para o senado federal. O "secretário-geral" declarou, então, que em uma guerra entre o Brasil e a União Soviética seu partido apoiaria o estado socialista. A frase foi um dos pretextos usados para a cassação, no ano seguinte, do registro legal do PCB. Os dias que antecederam o golpe de 1964, por outro lado, conheceram duas expressões extremamente infelizes de Prestes. Em um programa de televisão, ele disse que "os comunistas estão no governo, só não estamos no poder". Em outra ocasião, que deceparia "a cabeça do dragão da direita" se este atacasse Jango. O golpe de 64 foi vitorioso, contou com o apoio da população e Prestes ficou, mais uma vez, a ver navios.

Outra de suas declarações críticas, esta responsável por deixar a direita erigida e a esquerda com o rabo nas pernas, foi proferida durante o início da "abertura lenta, gradual e segura". Em Paris, Prestes afirmou, referindo-se à vitória do MDB nas eleições legislativas de 1974, que "o feito da oposição foi possível porque o PCB dirigiu-se ao povo recomendando o voto no partido". A resposta foi imediata: o deputado federal Thales Ramalho, secretário do MDB, observou que "as declarações de Luís Carlos Prestes não passam de mania de grandeza, pois o PC sempre foi uma infima minoria". Nas eleições de 1978, Prestes repetiu o gesto. Novos lances ousados foram ao ar em 83, quando considerou as Diretas JÁ "desnecessárias" e reiterou seu apoio à invasão russa no Afeganistão, há pouco encerrada por Gorbachev. A inabilidade do líder, no fundo, sempre foi proporcional a seu prestígio.

A difícil convivência no PCB

Florência Costa

O ex-dirigente do PCB, Hércules Corrêa, 60 anos, que hoje é vice-presidente da CTC (Companhia de Transportes Coletivos) e está filiado ao PMDB, conviveu 19 anos com Prestes, de 1960 a 1979. Estiveram juntos na União Soviética durante três anos e meio. Prestes morava num apartamento na Rua Gorki. "Ele viveu como um cidadão comum. Jamais ao supermercado, ao teatro", contou. Hércules guardou a lembrança de uma discussão política que tiveram em janeiro de 1977, nas ruas de Moscou.

"Prestes ficou muito assustado com o que eu disse durante a discussão. Conversávamos sobre o Brasil. Prestes dizia que nos grandes momentos históricos sempre acertava. E eu discordei. Ele me olhou e disse: 'De exemplos', recordou Hércules. "Quando você chefiou a coluna, a luta de massas se dava nas grandes cidades e você estava no interior", respondeu Hércules. "Cite mais um", pediu Prestes. "Em 35 você confiou no apoio da Armada e deu ordem para o levante", completou Hércules.

"Cite mais um exemplo recente", pediu Prestes. "O mais recente foi em 64, quando você disse que se os inimigos levantassem a cabeça nós iríamos cortá-la. Tanto isso não aconteceu que estamos aqui, isolados, em Moscou", retrucou Hércules. Conta o atual vice-presidente da CTC que Prestes, com expressão assustada, apenas comentou: "É, temos que pensar nisso".

Hércules disse que ainda em 1977 propôs a Prestes que determinasse o retorno de alguns dirigentes do PCB no exílio. Argumentou que o partido estava sem comando no Brasil. "Nisso ele foi intransigente e não concordou. O argumento dele era de que a ditadura iria durar mais uns dez anos e que deveríamos organizar outro partido, paralelo ao que existia, deixando de lado todos os que estavam mapeados pela polícia", relatou.

Segundo Hércules, Prestes "sempre agiu com mão de ferro" na direção do PCB. "Prestes tinha

formação militar. Era um comandante". O presidente do diretório estadual do PCB do Rio, Geraldo Rodrigues dos Santos, o Geraldão, 67 anos, lembra que nunca teve facilidades de estreitar o relacionamento com o líder comunista. "A massa de cultura de Prestes não permitia intimidades. Era como se fosse o soldado falando com o general", recordou Geraldão. Rindo, ele lembrou que "muitos camaradas nossos não o tratavam de camarada e sim de senhor".

Segurança — Destemido e teimoso. São duas das características mais lembradas por seus ex-companheiros de partido. "Ele sempre deu trabalho ao pessoal da segurança. Só a uma pessoa Prestes obedecia na questão da segurança", disse Hércules Corrêa. Era o irmão do jornalista Armênio Guedes, um dentista que servia de motorista-segurança de Prestes. "Esse sujeito dizia assim para o Prestes: 'Aqui no carro mando eu'. E não deixava ele sair do automóvel sem que tivesse plena segurança", contou.

Hércules recordou o aperto que Prestes passou, por não seguir as normas de segurança. Quando, em 1971, o PCB decidiu que Prestes deveria deixar o Brasil, a determinação era de que o então secretário-geral deveria seguir para Buenos Aires e lá tomar um avião direto para a Europa. "A direção comprou carros novos para levá-lo à Argentina", relembrou Hércules. No entanto, contrariando as instruções, Prestes tomou um avião que sobrevoaria o Rio de Janeiro.

Por azar — no qual Prestes não acreditava, segundo Hércules — o avião teve problemas técnicos e fez um pouso de emergência no Rio. "Prestes estava acompanhado de um amigo. Teriam que descer do avião, que ficou estacionado no aeroporto do Galeão por 40 minutos, o que poderia ser fatal. Mas o amigo de Prestes teve a ideia de dizer aos funcionários do aeroporto que estava acompanhado de um velhinho doente e que não poderia descer. Os dois foram os únicos a permanecerem no avião".

Da ilegalidade até a ruptura com o partido

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Rua Aurora, 978. Num velho prédio sem elevador da zona boêmia da cidade conhecida como *boca do lixo*, históricos companheiros de Luís Carlos Prestes encontraram-se ontem para mais uma reunião de rotina da direção nacional do PCB, o *Partidão* que ele comandou por 37 anos. Entre eles, discreto como sempre, estava o homem que, desde 1948 até 1980, cuidou da área mais delicada de um partido condenado à clandestinidade: a segurança do chefe.

Servino Teodoro de Mello, pernambucano de 72 anos, mais conhecido por *Vinicius* e *Augusto* nos longos tempos em que era proibido ser comunista, habituou-se de tal forma a viver nas sombras e a tomar muito cuidado com as palavras que ainda fala como se estivesse cochichando.

O endereço do *Partidão* hoje está na lista telefônica, há símbolos e adesivos de propaganda enfeitando as janelas, mas é como se Prestes ainda estivesse na cabeceira da mesa e a polícia pudesse chegar a qualquer momento. Como naquela madrugada de 1949, quando vozes estranhas foram ouvidas no sobrado próximo ao Parque do Ibirapuera, onde Prestes viveu escondido por três anos com a família de Mello.

"O *Capitão* acordou e foi até a janela ver o que estava acontecendo. Desce as escadas correndo e aí ouvi um homem gritando: 'Não é esse o número'. Pelo jeito, era um médico que foi parar lá por engano", lembra Mello. Os vizinhos deveriam pensar que ali só morava o casal Mello e seu filho pequeno. "Quanto menos movimento se fazia na casa, melhor. O Prestes tinha perdido a Olga e ainda não havia casado com a Maria. Fora da política, a única preocupação dele era com a filha, Anita. Na nossa casa, ele não podia receber qualquer visita".

Responsabilidade — Os dias eram sempre iguais. Prestes acordava cedo, ligava o rádio e lia todos os jornais que Mello conseguia encontrar. "Passava o dia todo lendo, era um homem muito dedicado aos estudos. O tempo todo Prestes parecia sentir uma grande responsabilidade histórica, preocupado em encontrar a linha política correta para o partido", diz Mello.

O manifesto de agosto de 1950, por exemplo, deixou Prestes muito contrariado. "Naquele tempo, as decisões ainda eram tomadas coletivamente e, às vezes, as posições de Prestes eram derrotadas. O *Capitão* achou o manifesto dominado pelo sectarismo e pelo esquerdismo. Só bem mais tarde ele resolveu centralizar as decisões até o momento da ruptura com o partido".

Nesta época, a direção entendeu que Prestes ficaria mais seguro no Rio de Janeiro, mas Mello continuou responsável pela vida clandestina do chefe. Foi encarregado de encontrar duas casas: uma para Prestes morar e outra para seus encontros com a família, dirigentes e personalidades. Para facilitar os deslocamentos, as duas casas deveriam ser próximas, e Mello montou o esquema de Jacarepaguá.

No início dos anos 70, quando os órgãos de segurança apertaram o cerco aos dirigentes comunistas, o Comitê Central achou por bem manter Prestes, que foi para a União Soviética. A precaução valeu: só em abril de 1974, cairam 18 dirigentes do PCB, dos quais 10 desapareceram.

A felicidade com a anistia, em 1979, durou pouco para o homem da mais absoluta confiança de Prestes. O *Capitão* voltou mudado: "Parecia que ele já estava disposto a romper com o partido. As divergências foram aumentando". Foi assim que eles se viram pela última vez, em 1980: encarregado de levar informações sobre uma reunião a Prestes, Mello encontrou o chefe convencido de que toda a América Latina cairia sob o controle fascista e a única saída seria a revolução socialista. A maioria do PCB, como Mello, preferia lutar pacificamente pela legalização do partido por meio de alianças.

Na cabeceira da mesa, em lugar de Prestes, no dia da sua morte, estava outro velho companheiro, Salomão Malina, 65 anos, que não disfarçava a tristeza, apesar de todas as divergências com ele. "O Prestes sempre foi coerente e fiel aos ideais dele. Lamento que em determinado momento tenha tomado posições diferentes daquelas da maioria do partido".



1945. Saindo da prisão, já como secretário-geral



1945. Com Getúlio Vargas quando o PCB era legal



1958. Rio de Janeiro. Prestando depoimento à Justiça



1946. Na Constituinte, introdução do direito de greve



Prestes entre Mao Tsé-Tung e Llu Shao-chi, na China